

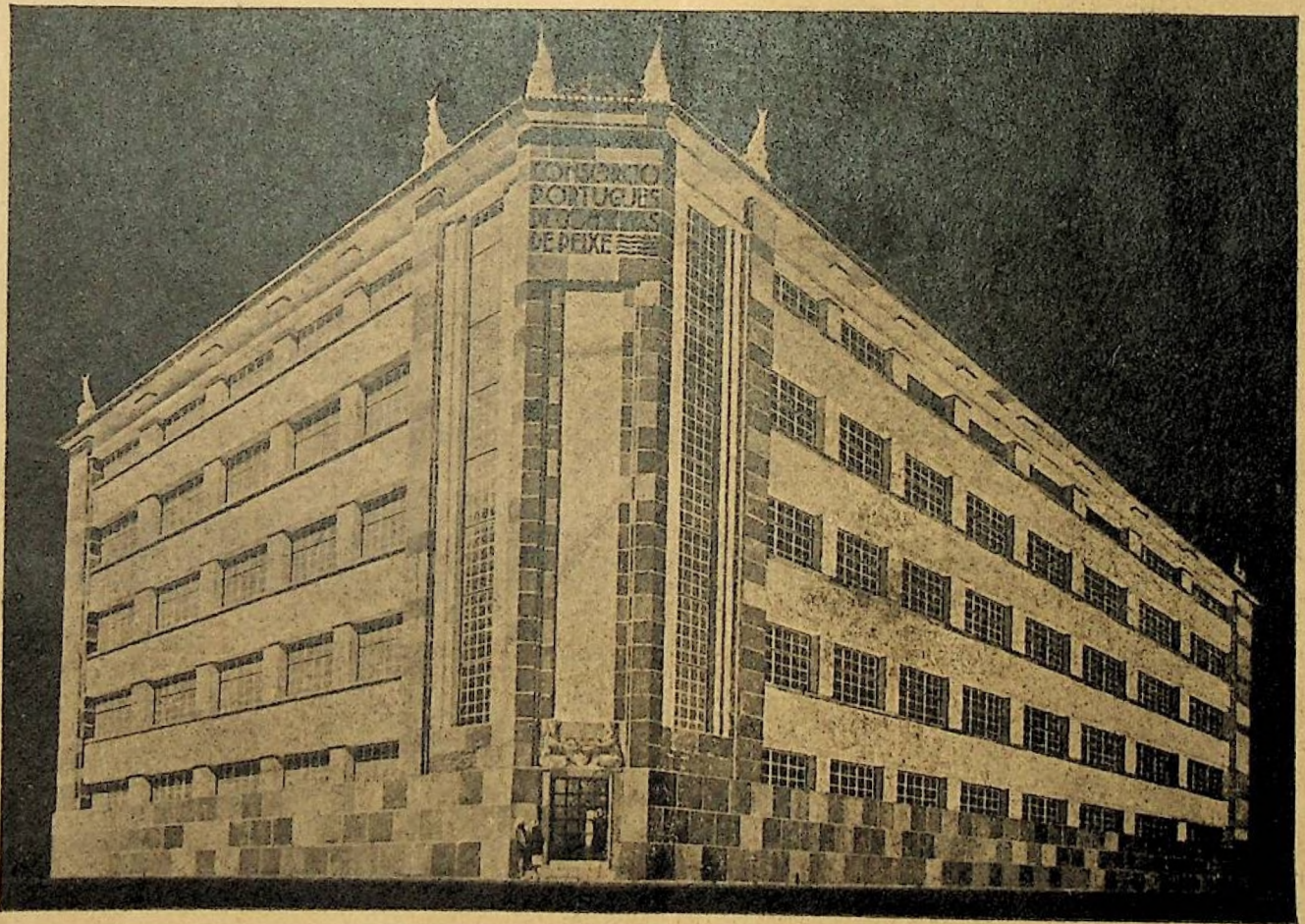
CONSERVAS

REVISTA MENSAL DA INDÚSTRIA PORTUGUESA DE CONSERVAS
(FUNDADA PELOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS)

ANO I

MATOZINHOS - JANEIRO DE 1936

N.º 1



PROJECTO DA NOVA SÉDE DO C. P. C. P.
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)



As sardinhas que o mundo pede, de preferência a todas, são

as da

Fábrica de Conservas
Nun' Álvares

FÁBRICAS EM MATOZINHOS
SETÚBAL

MARCAS REGISTRADAS :

Lage
Cidade
Nunal
Condostável
Cadeau

PROPRIETÁRIOS

Lage, Ferreira & Cia, Lda

SEDE EM MATOZINHOS

ACTIVA

FABRICA DE CONSERVAS J. SERRANO JUNIOR

MARCAS ACTIVA — BORITH — LALITA — LEIXÕES — TULLIA — BAYADERA

AVENIDA MENÉRES, 314 - RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 397
MATOZINHOS (Portugal)



IMPÕE-SE PELA
QUALIDADE
DO SEU FABRICO

MAISON F. MATHIEU S. A.

ANTUERPIA (Bélgica)

Se a Maison F. Mathieu S. A. não se impuzesse pela sua seriedade, pelos seus preços e pela alta qualidade dos seus produtos, não conseguiria sêr, há mais de trinta anos, um dos maiores fornecedores do mercado português em ferro e metais.

*É a Maison F. Mathieu S. A. quem vende a **fôlha de Flandres** das Fábricas Wendel, poderosa organização francesa que ocupa 41.000 operários.*

Preferir a Fôlha de Flandres de Wendel é preferir um artigo de superior qualidade.

Agente no Sul: A. C. TORRES FERNANDES — Agente no Norte: E. A. da FONSECA & GENRO
Travessa do Carvalho, 37 - 2.º — LISBOA Rua do Almada, 232-1.º — PORTO

CONSERVAS
E
AZEITES

Brandão & C.^a, L.^{da}

Séde em OVAR

Fabricas em OVAR
FURADOURO
e
MATOZINHOS

Marcas de Sardinha registadas:

**Brandão, Favorita, Doméstica, Luzitanas,
Modesta, Familiar, Simpática, Varina,
Ninita, El-rei, Lili, S. O. S., "33,,,"**

End. Teleg.: VARINA — OVAR

CONSERVAS
DE
PEIXE

FACOLE
MATOSINHOS

PORTUGAL

SOUZA, CRUZ & C.^A, L.^{DA}

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

**Praça da Liberdade
PORTO**

Filial

em

Matozinhos

Rua D. Capêlo-71

CONSERVAS

FABRICA DE CONSERVAS A INDEPENDENCIA

Casebre

& C.^A L.^{DA}

FABRICANTES DAS MARCAS

FUNDADA EM 1920

Vencedor - Sardincas
= Safrá-Casebre
Independencia - Venivici

Empresa de Pesca e Conservas "Sagrada Família"



José da Silva Torres

Rua Guerra Junqueiro n.º 356

MATOSINHOS

Tele } fone 50 M-P. B. X.
gramas "Família"

Apartado 20

MARCAS:

Sagrália, Torres, Mariazinha, Salvé, Josires,
Ondina, Balio, Minho

Antonio Rodrigues de Sousa

DESPACHANTE

OFICIAL

NA

Telefones n.ºs 35, 159 e 24-M—Adresse Telegráfico: "Antos-Leixões.,
Escritório:—Rua Carvalho Araujo (Antiga Rua da Praia)

DELEGAÇÃO DE LEIXÕES

LEÇA DA PALMEIRA—LEIXÕES

Delegado no Porto da

COMPANHIA GERAL DE ANGOLA

ESCRITÓRIO NO PORTO:

RUA SÁ DA BANDEIRA, 88-1.º — Telefone, 5976

Despachos de vapores, navios e mercadorias. Armazens
no Cais do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Bar-
cagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.

SICMA

Endereço Telegrafico: SICMA

Telefone. n.º 893

Codigos:

PARTICULAR, A. B. C. 5.ª Ed.

Sociedade Industrial de Conservas Matosinhos, L.^{da}

Sardinhas em Conservas nas marcas:

**Sicina, Selva, Taby
Britania**

Rua Souza Aroso, 333
MATOSINHOS
PORTUGAL

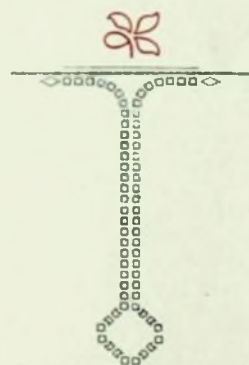


Conservas
LOPES, COELHO DIAS
MATOSINHOS - PORTUGAL

ÉTABLISSEMENTS
H. SUDRY

RUE BEAUSÈJOUR PROLONGÉE

NANTES (França)



A mais importante organização industrial da Europa em máquinas de toda a espécie para fábricas de vasio e de conservas.

Ótimas referencias em Portugal, Espanha, França, Itália, Suissa, Alemanha, Holanda, etc., etc.

Representante em Portugal e Colonias:

Virgílio Lory

13, Praça dos Restauradores
LISBOA

Borges & Irmão

BANQUEIROS

Telefones: 2880-2881-2882

(Casa fundada em 1884)



Descontos; cobrança de letras; depósitos à ordem e a praso; abertura de créditos; compra e venda de cambiais e saques sobre todos os países; compra e venda de toda a espécie de moedas nacionais e estrangeiras e quaisquer papeis de crédito.

SÉDE:

12, RUA SÁ DA BANDEIRA, 20

PORTO



FILIAIS

LISBOA, BRAGA, OVAR,

MATOZINHOS e RIO DE JANEIRO

J. FRANQUEIRA GONÇALVES

AGENTE DAS COMPANHIAS DE SEGUROS

Alliance Assurance, Co. Ltd.

Fundada em Londres em 1824

Seguros contra incendios, grêves e tumultos, quebra de vidros e automóveis.

L'urbaine-Vie

Seguros de vida em tôdas as modalidades.

Western Assurance, Co.

Seguros marítimos contra todos os riscos, incluindo cascos.

Rua das Flores, 60 - 1.º -- PORTO

PHOENIX

ASSURANCE
COMPANY, Ltd.



Companhia Inglesa de Seguros fundada em 1782, com séde em Londres e com agências em Portugal desde 1787.

Seguros contra: fogo, greves e tumultos, agrícolas, terremotos, lucros correntes, quebra de cristais, automóveis contra todos os riscos e

ACIDENTES PESSOAIS

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL:

JOÃO ARCHEUR & C.^A

AVENIDA DOS ALIADOS, 20

PORTO

TELEFONE, 1600

CONSERVAS

Publicação
Mensal

REVISTA DA INDÚSTRIA PORTUGUÊSA DE CONSERVAS

PROPRIEDADE DOS INDUSTRIAIS DE MATOZINHOS

COMPOSTA E IMPRESSA NA PAP. TIP. LEIXÕES - R. BRITO CAPELO, 335 MATOZINHOS

DIRECTOR:

Edmundo Ferreira

ANO I

JANEIRO 1936

N.º 1

EDITOR - Abílio Caetano da Silva

Redacção e Administração
AVENIDA MENÉRES, 511
MATOZINHOS
(PORTUGAL)

A NOSSA MISSÃO

PREÇOS DE ASSINATURA:
Portugal e Espanha — um ano 90\$00
Outros Países 40\$00
Número Avulso 3\$00

O aparecimento da revista «CONSERVAS», que hoje vê a luz da publicidade, prova que uma ideia é força que vinga, se desenvolve e passa de aspiração à realidade quando tem a animá-la um conjunto de anseios e vontades que se alicerçam na prudência e reflexão.

Nascendo para servir e defender intransigentemente a Indústria Portuguesa de Conservas, e tratar também, na medida do possível, de todos os assuntos de ordem científica, técnico-comercial e industrial, propaganda e aperfeiçoamento geral, a nossa revista aparece, pois, revestida do vigor próprio de quem principia e quer vencer, sem outra preocupação que não seja a de ser útil e presente à causa a que vai devotar-se.

Não nos enamoram triunfos fáceis, nem nos animam intenções de luta contra quem quer que seja.

Surgimos, porque queremos construir, identificando-nos com todos os problêmas de ordem económica e financeira, regras de organização, preceitos regulamentares da função industrial, para que das sugestões a fazer, sob qualquer dêstes aspectos, se passe a determinar o melhor programa e a produzir a mais perfeita obra.

A contínua evolução dos sistemas de comerciar requerem agora, como nunca, um controle persistente de observação e estudo. Não há planos infalíveis e definidos em matéria comercial e industrial. A fórmula mais regular de agir, é a determinada pelos acontecimentos que fôrem decorrendo à nossa vista alterando-se e modificando-se consoante as exigências e necessidades do momento.

Assim, e pela experiência já observada, cremos pensarem todos os industriais de Conservas de Portugal. Portanto, à Revista «CONSERVAS» está destinado um trabalho digno do apoio geral de todos os interessados, cabendo-nos a nós pugnar devotadamente por que ela cumpra fielmente a sua missão.

Os artigos assinados
são da responsabilidade
dos seus autores



Visada pela Comissão de Censura

CUMPRIMENTANDO

A Revista *Conservas*, ao ingressar no laborioso campo da actividade conserveira de Portugal, dirige os seus efusivos cumprimentos:

AOS INDUSTRIAIS PORTUGUÊSES DE CONSERVAS E SALAZONES — afirmando a todos a sua absoluta solidariedade na defêsa intransigente da causa conserveira;

AO CONSÓRCIO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE = como lídimo representante da classe;

AO COMÉRCIO E INDÚSTRIA EM GERAL, endereçamos também os nossos respeitosos cumprimentos.

PARA TODA A IMPRENSA DO PAÍS, vão igualmente as nossas cordeais saudações. Desejamos, porém especialisar e dar o devido relêvo à acção devotada e persistente do jornal «A INDÚSTRIA», que se publica no importante centro industrial de Setubal. Êste brilhante semanário vem desde há dôze anos defendendo com o maior entusiasmo os interêsses da Indústria de Conservas, e à sua relevante acção se devem já bem assinalados serviços. Envolvendo o presado colega nas nossas saudações e expressando-lhe a nossa viva simpatia, julgamos interpretar fielmente o sentir de todos os conserveiros de Portugal.

Matozinhos, Janeiro de 1936

COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA

Por JOSÉ A. MORA

Ao examinar os princípios cooperativistas na sua relação com o organismo que rege os destinos da indústria conserveira (Decreto 24947), que se diz integrado naquêles, encontramos uma notável diferença entre a doutrina e os factos.

O Cooperativismo é, em nosso entender, um obstáculo que se opõe ao isolamento, à dispersão ou, mais claramente, ao individualismo. Nós compreendemos que a sua função deveria ser a de harmonisar o interesse colectivo com o nacional, ligar com profundos vínculos os componentes das instituições, empregar a riqueza como elemento moralizador, cimentar sólidamente o espírito da previdência para que esta se imponha como o cumprimento de um dever social, e chegar ao feliz e positivo acôrdo que se logra entre a utilidade e o bem.

Estes princípios, de transcendente simpatia no seu harmonioso conjunto e na sua fôrça irresistível, reputámo-los nós de perfeitos na orientação e benéficos no mais alto grau.

Na esfera económica, mais do que em nenhuma outra ordem de relações humanas, é indispensável uma ampla cooperação. O componente de um grupo ou grémio que fôr reduzido ao silêncio, privado de activos movimentos de liberdade, não evoluciona porque sente a sua inferioridade; e assim se destrói a tendência benfeitora e se abandona a bandeira da paz e da concórdia.

O individualismo que se pretendeu destruir ao crear-se a organização, renasce da mesma por defeito legislativo, porque quando se apartam as direcções do contacto consultivo das massas, debilita-se o vínculo fraternal e social que os une entre si, e fomenta-se a passividade. Por outro lado, desaparecendo a representação efectiva dos sócios, notar-se-à que falta, precisamente, o que proporcionava à obra uniformidade e confiança.

Se pela percepção e consideração reflexiva das acções podemos emitir os nossos juízos, e se a noção do justo e do injusto está na consciência de todo o homem, sempre preferirêmos — como da mais elementar prudência — a discussão serêna dos nossos problemas no seio agremiativo, seguindo assim as normas do corporativismo na sua mais elementar significação, ao acatamento

duro, à imposição sistemática de ordens viciadas por um individualismo directriz que repele a própria doutrina que lhe deu vida ao escudar-se no seu exclusivismo.

Diz-se que a fé morre sem as obras, e que a convicção é esteril se não conseguir transpôr a vida. A fé nos destinos da nossa indústria morre se não se excitar a responsabilidade que a todos deve caber de a defender no seu conjunto e parcialmente. No seu conjunto, com medidas que conttenham o influxo marcadamente colectivo ou agremiativo, e parcialmente pela obediência à obra comum, pelo fervoroso acatamento daquilo que sair do Grémio e passar pela direcção para ser executado. Desta maneira encontrará a disciplina social menos detratores.

A nossa convicção na excelência do organismo — no seu aspecto geral — é absoluta, e é por isso que a desejamos ainda melhor. Querêmos colaborar, cooperar, dar justificação ao corporativismo que nós uniu, que nos agremiou. E, sem paixões nem ofuscamentos, pedirêmos que se estude melhor aquela lei cuja estrutura, inicialmente judiciosa, não recolhe, desde a sua remodelação, as verdadeiras aspirações dos industriais de conservas, e está em contradição com a primitiva doutrina propulsora.

Para nos darem razão, bastará examinar os decretos que crearam últimamente outros grêmios, tal como o dos «Armadores dos Navios de Pesca de Bacalhau», em cujo articulado se observa um mais profundo estudo por parte do legislador, cuja função directiva se harmonisa perfeitamente em relação aos sócios, e no qual podemos vêr que o critério que presidiu à confecção do actual organismo foi ampla e sensatamente modificado.

Os industriais conserveiros querem cooperar na obra comum para lhe darem mais vitalidade, mais harmonia e mais esplendor; para a corrigirem dos erros fundamentais, para que a sua estrutura orgânica obedeça, no sentido teórico e prático, ao fim que se teve em vista quando se creou o organismo orientador; e querem cooperar porque, convencidos da sua necessidade e zelosos da sua validês, não seriam leais se aprovassem com o seu silêncio os graves defeitos que ela encerra e, como conseqüência imediata de êstes, os defeitos

O APROVEITAMENTO dos Resíduos de Peixe e a Indústria Conserveira

Pelo Dr. Albano Pacheco

É inquestionavelmente a indústria de conservas de peixe a que pesa na nossa balança comercial, como valor económico de exportação, depois dos vinhos.

Mercê da qualidade dos seus produtos e da inteligência como vem sendo orientada, tem-se ultimamente desenvolvido de forma a firmar melhor a situação já conquistada.

E' uma das indústrias nacionais que maior número de factores possui para um progressivo, racional e seguro desenvolvimento, desde a qualidade das suas matérias primas, até à sua abundância.

Uma indústria é, tanto mais perfeita na sua organização, quanto melhor utilizar na sua totalidade as suas matérias primas, isto é, quanto menor quantidade de resíduos deixar sem aproveitamento. E' este o ponto fraco da indústria de conservas, que desperdiça grande quantidade de resíduos de grande valor real, além de constituir, em parte, um perigo iminente para a saúde pública das populações dos centros conserveiros.

A parte algumas rudimentares e antiquadas instalações para o aproveitamento de óleo bruto de sardinha, e de fabrico de alguns produtos destinados a adubos agrícolas, nada mais existe.

Se se aproveitarem todos os resíduos e detritos de peixe desde a lóta aos mercados e das fábricas de conservas do País, têm-se-há uma grande abundância de produtos sem valor aparente, é certo, mas, na realidade de um grande valor económico, especialmente pelo bom rendimento material que um melhor aproveitamento destes detritos e resíduos tem de dar, desde que se oriente modernamente a indústria da extracção de óleos, fabrico de farinhas de peixe e adubos agrícolas.

Geralmente, estes resíduos são procurados, às vezes, pelos agricultores das proximidades que os empregam, no estado bruto, sem preparação alguma, como adubos nas suas terras, e que, na maioria dos casos, constitue um desastre para as culturas.

Com um racional e científico aproveitamento d'elles, evitar-se-ia tal inconveniente, obtendo-se um bom número de produtos de um alto valor económico, que facilmente teriam colocação nos mercados nacional e estrangeiro.

Presentemente, só uma pequena parte d'este detritos e resíduos são aproveitados para o fabrico em bruto de óleo de sardinha e farinhas, como adubos agrícolas.

Porque não utilizar todos os restos de peixe, peixe avariado e resíduos e detritos das fábricas de conservas, para crear uma industria, convenientemente organizada e aperfeiçoada? Assim seriam obtidas as diversas qualidades de óleo de peixe, como óleos filtrados, refinados e desodorizados, que tantas applicações têm industrialmente para o fabrico de tintas, produtos bituminosos, oliados, cortumes, lubrificantes, saboaria, perfumaria, etc., e ainda as farinhas, cientificamente preparadas para a alimentação de animais de vária espécie, e os guanos, tão úteis e vantajosos para certas culturas em determinados terrenos.

A creação da indústria dos óleos, farinhas e guanos-puramente nacional, evitaria a reimportação que fazemos actualmente dos produtos que exportamos em bruto, com grave prejuizo da economia nacional e iria dar trabalho a um sem número de braços além de representar uma ótima colocação de capitais.

de uma gestão individualista pelo seu próprio exclusivismo.

A acção brilhante ou negativa do organismo a que aludimos é de ordem muito diversa; mas como não é nosso propósito seguir o fio dos acontecimentos através as suas complicações, limitamo-nos a assinalar a causa principal: a estrutura geral do decreto, e isto porque, como factores essenciais que somos do organismo, é nosso indiscutível dever querê-lo mais perfeito.

É de lamentar — se entendem na verdade que a instituição é de todos e para todos — que se

Cooperação Construtiva Continuação:

esqueçam, ao dirigi-la, que ela se fez para estarem unidos com estreitas relações, e que se estas relações se enfraquecem, podemos ser levados a resultados contrários, sem dúvida, ao propósito sincero do legislador e da própria esperança dos industriais.

Vimos para a liça com anseios construtivos e para procurar melhorias e harmonias indispensáveis. Somos simplesmente industriais que zelam os seus direitos e chamam a este acto:

Cumprimento do dever.

Matozinhos, Janeiro 1936

A SOCIAL

Capital Esc. 500.000\$00

COMPANHIA PORTUGUESA DE SEGUROS

S. A. R. L.



SÉDE: — Rua Cândido dos Reis, 42

PORTO — (Palácio Conde de Vizela)

Postos de Socorros:

PORTO — Rua Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua Roberto Ivens, 429



Preferida pela organização
da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

Sociedade la Artística

Limitada



MANUFACTURAS

DE

BORRACHA



FÁBRICA DE ANILHAS DE
BORRACHA PARA O FECHO
HERMÉTICO DAS LATAS DE
CONSERVAS E CHAVES
PARA AS MESMAS.

VALENÇA DO MINHO



Sociedade de Conservas

A UNIVERSAL, L.^{da}

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Croix

Fabricante das Marcas:

L'UNIVERSELLE

ZÉLIA

ROSÁLIA

MINDELO

ORBÉLA

ATRAENTE

Telefone. 98-M

Telegramas: UNIVERSAL

Rua dos Camachos

Matozinhos

Rua do Burgal, 24-70

Portugal

Colaboração

O título deste artigo fará com que muita gente o não leia.

Haverá, no entanto, alguém que se decida a desperdiçar uns minutos na leitura dos seus dizeres. É tanto mais provável é que assim aconteça, quando é certo que a iniciativa dos industriais de conservas de Matozinhos, lançando esta revista, deve ter despertado a curiosidade dos outros centros conserveiros do País.

Além de tudo, e em geral, presumo que este primeiro número de revista deve ser folheado com ansiosa diligência, à procura de qualquer nota escandalosa ou dalgum artigo demolidor.

Pensa mal quem assim cuidar. Os industriais de Matozinhos, pelo que tenho ouvido áqueles que foram chamados a dirigir e orientar a revista «Conservas», pensam sobretudo em fazer obra construtiva. Nem nas suas intenções, nem na tradição deste centro, pode existir programa que não seja o de continuar a contribuir com o melhor do seu esforço e da sua colaboração para o engrandecimento, prestígio e desenvolvimento da indústria portuguesa de conservas.

Por mim julgo que esta é a verdadeira doutrina, e a única que deve ter inspirado este empreendimento.

E dentro destes princípios, entendo que a sua acção deve ser orientada no sentido de prestar ao Consórcio Português de Conservas de Peixe a colaboração sincera e bem intencionada que este organismo dirigente da primeira indústria portuguesa de exportação pede a todos os seus filiados e que todos lhe devem dar no seu proprio interesse.

Colaboração, não significa concordância permanente ou sistemática. Quer antes dizer sugestão avisada e prudente; lembrança útil, opinião fundamentada, ideia aproveitável.

Colaborar, é dar concordância ao que achamos acertadamente feito, sem receio que nos acoimem de subser-vientes; é não dar aprovação ao que julgamos mal organizado, sem medo de que nos chamem revoltados.

E' chamar honradamente bom ao que na realidade o é; é dizer corajosamente que pensamos que é mau o que como tal se nos afigura.

E' sobretudo fazer qualquer das coisas de coração lavado e alma aberta, sem procurar o agrado piedoso de quem está de cima, ou o apoio fácil e interessado de quem não está naquela posição, numa ansia mal entendida de popularidade ou de prestígio.

E' acima de tudo proceder com lizura.

E' cada um cumprir o seu dever, mandato impe-

Sugestões

■ ■ ■

No próximo número daremos publicidade a um alvitre de interesse capital para todos os industriais de Conservas.

É a primeira de uma série de **SUGESTÕES** — todas elas oportuníssimas e de inestimável alcance — que um nosso distinto colaborador se propõe apresentar à consideração de todos os Conserveiros.

Para êle, pois, chamamos a particular atenção dos leitores.

Quanto maior fôr o consumo de Conservas, menor será a «Chomage» e mais próspera será a balança Comercial de Portugal.

rativo de consciência, sem intuítos reservados, sem malsinar as intenções de outrem, e sobretudo sem o horror das responsabilidades.

E' ter a coragem de dizer bem, quando a moral pessoal e social no-lo impõe, e ter a hombridade de censurar o que é mau, mas aberta e francamente sem insinuações ou campanhas de descrédito que só resultam em prejuízo de quem as faz.

E' ajudar a construção dum futuro equilibrado e sólido para a Indústria de Conservas de Portugal.

E' esta a colaboração que é preciso dar ao C.P.C.P., e é esta a única que com a sua revista são capazes de lhe dar os industriais de Conservas de Matozinhos.

Fernando Matos.

Por êsse mundo fóra



Inglaterra

Presume-se um sensível aumento no volume das importações de conservas no mercado britânico, mas, em contra partida, pretendem os nossos aliados que seja elevada a cifra das exportações de suas matérias primas para os países beneficiários — Espanha e Portugal, nomeadamente.

America do Norte

Anuncia-se para a segunda quinzena de Março próximo a realização de uma Feira de Amostras em New-York, inspirada no lêma: *Comércio em ambos os sentidos*.

Como se compreende, êste lêma significa permuta. Se algum dos nossos leitores necessita de quaisquer esclarecimentos, esta revista encarrega-se de lhos obter.

Africa do Sul

Informam de Cape Town que se tem ali recebido ofertas de Conservas de Portugal, que não recebem a devida atenção unicamente devido ao facto de não serem redigidos em inglês.

Aqui fica o aviso.

Suécia

Como se sabe, Portugal é o maior exportador de Sardinha para Suécia, correndo porém o risco de perder essa supremacia devido ao facto dos exportadores espanhóis apresentarem em Estocolmo sardinhas mais baratas e com melhor apresentação do que as nossas.

E' de lamentar que assim suceda.

Finlandia

As conservas portuguesas tem possibilidade de exito no mercado finlandês. Em 1934 França, que foi nesse ano o maior exportador, colocou ali 2859 quilos, quantidade insignificante para as necessidades do país que possui unicamente oito fábricas de Conservas que estão longe de suprir as exigências consu-

Objectivos

c

Aspirações

Surgimos para a vida num ano em que se avizinham lutas económicas muito perigosas para aquêles que se deixam adormecer na incapacidade rotineira. Temos Matozinhos por bêrço mui honroso, embora não seja só a êste rincão atlântico que os nossos esforços se dedicam, mas sim a Portugal inteiro.

Nascêmos para todos os industriais do país e também para aquêles que, não sendo conserveiros, têm com esta indústria quaisquer afinidades, tais como a pesca e os fornecedores de outras matérias primas, as instituições bancárias e o próprio C. P. C. P. De todos receberemos com prazer as suas sugestões, os seus alvitres, e todos devem ter a certeza de que os seus problemas serão sempre tratados dentro do espírito doutrinário mais elevado e mais sincero.

Puzêmos hombros a esta tarefa com a nossa melhor boa-fé, aquela boa-fé que só a verdade inspira. Não nos entrincheirarêmos em personalismos, nem faremos politica no sentido geralmente dado a esta palavra, mas sim no sentido de coesão com os nossos problemas. Apresentarêmos estudos independentes e dispersos em correlação com o exclusivo interêsse da indústria conserveira. Procuraremos ser um guia imparcial, sereno, fazendo uma obra de selecção, obra colectiva, comunidade de plano, dando a conhecer os inapreciáveis progressos que a ciência moderna vem produzindo para benefício e aproveitamento da comunidade.

Ninguem ignora que o complicado mecanismo económico-financeiro tornou indispensável uma elevada tribuna que exponha e analise os variadíssimos problemas que a cada passo nos patenteiam tanto a situação externa como a dos nossos clientes.

Ê esse exactamente o objectivo desta Revista: ser uma tribuna acolhedora de alvitres, de apreciações, quando estas sejam bem fundamentadas e tenham como princípio o bem colectivo.

O nosso primeiro número merece a indulgência dos exigentes, tendo-se em conta que os realizadores desta empresa podem ter muito de industriais mas pouco de jornalistas. Ê necessário para cumprimento da nossa missão decisiva e altruista não marchar às cegas, e por isso pedimos às capacidades profissionais e às competências científicas a sua colaboração, o seu auxílio espiritual, o éco expansivo das suas queixas, a revelação de conhecimentos novos, a acção enérgica que, pren-

Surgimos para a vida num ano em que se avizinham lutas económicas muito perigosas para aquêles que se

dendo-se com os nossos problemas, ilumine e esclareça a possibilidade de os vencer.

Sabemos muito bem que não vivemos num ambiente propício para aquilo que traz o sêlo colectivo, e que a associação não é aceite como factor principalíssimo do movimento contemporâneo, e por o sabermos, queremos antecipar que entra no nosso plano o criar hábitos de disciplina capazes de nos levarem a raciocínios juntos, se por ventura tivermos que discutir disposições de entidades competentes de cujo espirito altamente orientador deve esperar-se o tratamento generoso e harmónico que deve existir entre partes de um todo que se completam.

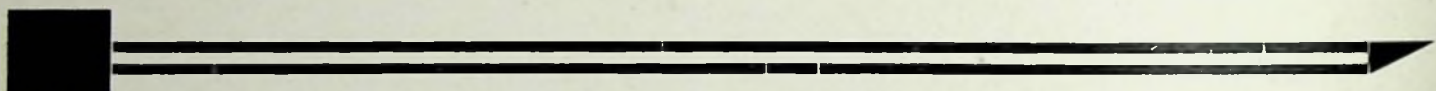
Esta iniciativa — que não busca lucros nem laureis — é, pelo que acabamos de expôr, digna do concurso de todos, porque é para todos e está destinada a prestar relevantes serviços à indústria conserveira nos seus vastos horisontes e na sua orientação efectiva.

Confiantes, e escudados no expoente máximo da nossa boa-fé, assim o esperamos.

Alemanha

O Centro Oficial da Moêda, de Berlim, acaba de fazer publicar o seguinte comunicado que se refere ao Comércio com a Espanha.

«A regularidade no pagamento das exportações espanholas para Alemanha depende do equilibrio do valor das mesmas com o das importações. O atrazo nas liquidações, que chegou a sêr de 65 dias, está reduzido a 35, sendo provável que se possa reduzir ainda mais nas próximas, por sêr esta a época mais reduzida da exportação. Não obstante, é provável que na próxima época se verifique novamente essa dificuldade, motivo por que se recomenda aos exportadores que limitem prudentemente as suas remessas a-fim-de se evitarem, na medida do possível, novos prejuizos.



FABRICA DE CONSERVAS

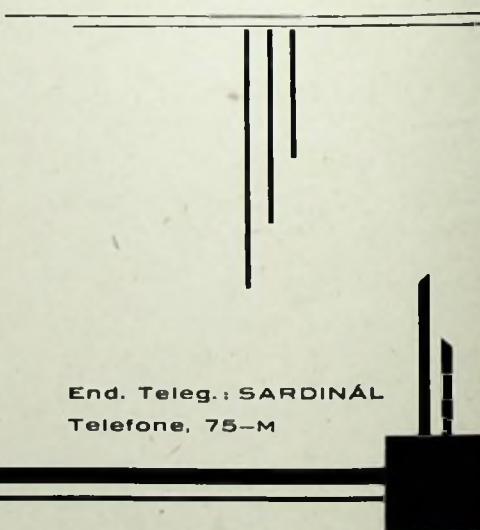


DIAS, ARAUJO

& C.^A, L.^{DA}



AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS
PORTUGAL



End. Teleg.: SARDINAL
Telefone, 75-M

Em frente

Ao iniciar-se a publicação da revista **Conservas**, para o seu corpo director dirijo os meus melhores votos de muitas felicidades e os desejos para que, sem recriminações ou retaliações, todos se compenetrem que nela encontrarão um baluarte de defesa e um orientador seguro do que mais interessa à vida conserveira do País.

Bastantes e complexos são os problemas a debater; muito há a fazer ainda pelo bem desta indústria e, portanto, nada mais será preciso do que darmos um pouco mais do nosso esforço, estudando e analisando os factos com calma e critério, procurando fazer-se obra útil e duradoira.

Assim, caminharêmos em frente e com a consciência tranqüila, por termos ajudado a erguer a maior organização Industrial do Estado Corporativo Português.

Não vejâmos só êrros no que está feito; não desesperêmos por não estar ainda realizado o que se nos afigura dever ter já tido realização, mas sim, olhêmos com confiança para a obra já realizada, que representa sem dúvida o produto de muito esforço e muitas canseiras.

Errar é próprio dos homens, e portanto unâmo-nos, cerrando fileiras em volta do Conselho Director do Consórcio Português de Conservas de Peixe, ajudando-os e facilitando-lhes a sua ardua tarefa, e terêmos finalmente atingido o fim que temos em vista — o de melhores dias para a Indústria Conserveira Portuguesa.

José Manoel Cabral

Anunciar na Revista "CONSERVAS" é promover eficazmente a expansão da vossa casa.

Humôr sardinácio

I

*Que a fôrça de Sansão, tão invulgar,
Lhe vinha dos cabelos — diz a lenda.
Fôrça, por isso mesmo, capilar
E não dos músculos — que o vulgo me compreênda.*

*Quem fez, como êle fez, desmoronar
Um edificio inteiro, fenda a fenda,
Não foi por ter cabelos a faltar,
Não pode ser por tal — Deus me defenda.*

*O segredo que tinha o latação
Foi desvendado agora e, sem reserva,
Se estampa aqui, em letra de formão:*

*Sansão tinha essa fôrça — ó Mundo, observa! —
Não por comer presunto ou salpicão,
Mas sim sardinha em lata, de conserva.*

Mário Ximenes.

As Conservas Portugêsas

e o que elas pesam na balança económica nacional

As principais exportações de Portugal durante onze meses, de Janeiro a Novembro de 1935, foram as seguintes, em comparação com igual período de 1934.

	Janeiro—Novembro 1935			Janeiro—Novembro 1934	
	Quantidade	Valor		Quantidade	Valor
Vinhos (hectólitros)	749.350	193.705	contos	670.930	179.420
Conservas (toneladas)	37.766	137.396	"	34.184	129.606
Cortiças	124.465	125.546	"	121.696	131.635
Produtos resinosos	38.028	51.058	"	34.066	36.826
Tecidos de algodão	2.342	41.753	"	2.157	39.348
Frutas	8.989	19.895	"	12.475	25.601
Madeiras	205.050	19.675	"	391.871	32.787

Nos onze meses referidos registou-se um aumento na exportação de conservas de 3.582 toneladas, representando um valor de 9.790 contos.

A indústria de Conservas ocupa hoje, como se vê, o segundo lugar na importância da exportação portuguesa.

GUILHERME FIRMINO

TRANSITÁRIO

Escritório:

13, Rua Nova da Alfandega, 14

Porto

TELEFONE, 389

Despachos aduaneiros e ferro-viarios
Barcagens no Rio Douro e Leixões
Reboques e seguros

A PROPÓSITO DAS SANÇÕES

Os Industriais de Peixe Conservado pelo Sal, de Malozinhos, entregaram ao Sr. Ministro do Comercio, a representação seguinte :

Senhor Ministro

Excelência:

De todas as actividades afectadas por virtude das sanções financeiras e económicas impostas à Itália, é a indústria de peixe conservado pelo sal a mais atingida e sacrificada.

Todas as outras indústrias que tratavam com o mercado italiano, cortiças, rezinosas, oliaginosas, etc., têm outros mercados onde colocar os seus produtos, embora esses mercados não lhes venham a absorver as quantidades que o mercado italiano lhes comprava. São afectadas, sim, mas sómente por deixarem de colocar uma parte, maior ou menor, da sua produção. Já o mesmo facto, porém, se não dá com a indústria de peixe conservado pelo sal. Esta tem como principal mercado, único mesmo para a maior parte dos seus industriais, o mercado italiano.

País de mínguidos recursos e com um nível de vida relativamente baixo, a Itália comprava-nos anualmente alguns milhares de toneladas de sardinha, biqueirão e outras espécies similares em salmoura, absorvidos em parte no seu consumo interno e parte pela sua indústria de transformação. Postas em vigor as sanções, não só nos ficou interdito o mercado italiano e, conseqüentemente, paralizada a nossa actividade, mas também bloqueada a maior parte dos nossos capitais pela retenção dos créditos que em Itália possuímos, collocando-nos na impossibilidade de solvermos os nossos compromissos.

A prolongar-se esta situação desesperada em que nos encontramos, será a ruína e insolvência para dezenas de industriais, a miséria para as centenas de operários que ocupamos.

Excelência:

Os industriais de peixe conservado pelo sal, de Malozinhos, em seu nome e em nome dos operários que empregam, apelam para a Justiça e Humanidade do Estado, solicitando remédio para a sua angustiosa situação.

Se as sanções são meio de se obter a Paz e esta a todos aproveita, que, por acórdos de compensação ou outro meio, seja encontrada uma solução que alivie os nossos pesadíssimos sacrifícios, por um bem que todos disfrutam.

DE LUTO

Dr. Leonardo Coimbra

A morte trágica e inesperada do Dr. Leonardo Coimbra veio envolver de tristeza e de luto a revista CONSERVAS.

Residindo largos anos nesta risonha vila, o ilustre finado tinha conquistado a estima e simpatia de toda a gente, e contava entre os industriais de conservas as mais sólidas amizades.

A par da sua inconfundível personalidade de intelectual e orador dos mais ilustres, o Dr. Leonardo Coimbra era também o amigo afectuoso e dedicado de todos quantos com elle privavam. Ainda há bem pouco tempo um grupo de conserveiros o acompanhou a Coimbra onde elle fôra realizar uma das suas brilhantes conferências filosóficas, e todos tiveram então o ensejo de verificar como o insigne orador sabia ser companheiro leal e franco, inteiramente despedido de tudo quanto pullesse inferir-se qualquer espécie de vaidade ou pretensionismo.

E nêsse dia, que saudosamente recordámos, tinha elle impressionado pelo seu verbo eloquêntissimo uma vasta assistência de intellectuais que não se cansavam de admirar e aplaudir o Mestre.

Com o desaparecimento do Dr. Leonardo Coimbra extingue-se um talento fulgurantissimo, um egrégio orador e um grande Amigo.

A revista CONSERVAS, sentindo profundamente a sua Morte, interpreta fielmente o sentimento de todos os conserveiros de Portugal, apresentando a toda a Família enlutada os seus desoladissimos pezames.

Melchior Silva

Pelo falecimento de seu extremoso Pai, encontra-se de pesado luto este nosso querido Amigo, digno gerente da Filial Borges & Irmão nesta vila.

A revista CONSERVAS apresenta por tão infausto motivo as suas sentidas condolências.



Endereço telegráfico
CONTINENTAL — MATOZINHOS

Telefone, 41
MATOZINHOS

Empresa Exportadora Luzitania, L.^{da}

Fabricantes e exportadores de Conservas

LISBOA
Rua da Prata, 8-1.º
Telefone, 21254

SETUBAL
Estrada da Graça
Telefone, 272

Manufactura de lata vazia em todos os formatos para fábricas de conservas,
encarregando-se também de estampagem

Lata vazia branca sempre em stock—Fôlha de Flandres—Estanho,
Cobre e Chumbo

Chaves para abrir latas de conservas

AZEITES DAS MELHORES PROCEDENCIAS

Uma questão de letras

Na Associação Comercial
e Industrial de Matozinhos

Palestra humorística pelo
Ex.^{mo} Snr. Heitor Campos Monteiro

Noite caliginosa. Parece terem-se rompido os diques no céu, e soltos os Eólos enfurecidos. A ímpia atmosfera deprime os espíritos ao fim da afadigada labuta do dia. Súbito fulgura no éter uma réstea de luar — luar de Janeiro — a retemperar a alma. E' Heitor Campos Monteiro que nos vem falar, que vai fazer uma generosa transfusão da sua alegria sã, da sua graça comunicante, por meio de uma Conferência, que ele quiz chamar palestra, porque Campos Monteiro, aqui em Matozinhos, não disserta; conversa, é tu cá tu lá com toda a gente, um gracioso visinho, o mais simpático da nossa rua.

Forma-se a mesa sob a presidência do Ex.^{mo} Snr. Guilherme Felgueiras, ladeado pelos Ex.^{mos} Snrs. Edmundo Ferreira e José Magalhães Carneiro. Lembram as três estações: o loução Outono, no meio, a risonha Primavera e o Éstio exuberante, dos lados — o Inverno ficava lá fóra, raioso. Durante uma fugacíssima hora, Campos Monteiro deleitou a assistência selecta, conseguindo pôr os músculos *risorius* dos ouvintes em permanente actividade. Por fim, calorosos aplausos premeiam a palestra do illustre conferente. E' o Comércio e a Indústria de Matozinhos a exprimirem o gosto pelo *récipe* humorístico, dizendo entre si que é indispensável que estas palestras se repitam. Constituem terapeutica salutar, são tonificantes do baço (em inglês *spleen*), e emolientes biliares.

Por gentilíssima deferência do Ex.^{mo} Snr. Campos Monteiro, reproduzimos a seguir uma parte da sua graciosíssima palestra, lamentando que a exiguidade de espaço do nosso primeiro número não nos permita recolhê-la toda inteirinha.

Uma questão de letras referir-se-á agora ao polo absolutamente contrário; isto é: a febre literária que o negociante de agora, contrapondo-se aos seus avós de outrora, quando os nossos antepassados não podiam vêr letra de fôrma, a não ser nos títulos do DIÁRIO ou do RAZÃO, ou salvo honrosíssimas excepções, em sítios de poucas letras para indicar a função do quarto reservado. Os nossos contemporâneos mudaram completamente. E esse horror antigo do comerciante aos poetas e aos escrevinhadores está hoje substituído pela vontade de cada um em ter à sua banca, ao seu balcão ou à sua máquina de escrever quem seja capaz de alinhar meia dúzia de larachas.

Antigamente, contar pelos dedos era sinal de não querer errar a conta. Hoje, contar pelos dedos quer dizer poesia, o cuidado de não errar a metificação que assim obriga. E tudo foi mudando com os tempos, com os costumes... O comerciante de hoje prima em ser ilustrado. Discute política, questões comerciais, e ainda estou para encontrar o primeiro que se não sinta capaz de ser Ministro das Finanças.

Lê com frequência, passando bastas vezes além do jornal diário, e quasi nenhum resiste à tentação de uma entrevistasinha com a respectiva fotografia a acompanhar a prosa, fotografia essa tirada exactamente no momento em que atende o telefone ou em que está de olhos semi-cerrados a pensar na resposta à terceira pergunta do entrevistador.

Isto é assim mesmo e não representa uma vaidade ou uma arrogância. E' um sinal felicíssimo dos tempos que vão correndo. O antigo horror às letras, as belas etras, foi desaparecendo, e o comerciante, insensivelmente, foi-se habituando a elas,

ganhando-lhe gosto, a tal ponto que eu conheço alguns que dão o cavaquinho por assinar o seu artigo no jornal de classe, ainda que o mesmo tenha sido feito pela guarda-livros da casa e emendado pela dactilógrafa.

Assim mesmo é um bom sinal de vitalidade, e demonstra que os tempos correntes apresentam um aspecto mais consolador no sentido da elevação da mentalidade dos mentores do comércio. Bem sei que os velhos, ainda vivos, dia a dia suspiram pelos tempos de outrora, resmungando constantemente que então, sim, então é que se trabalhava. Era de sol a sol... Era, seria... seria... mas as sestas desapareceram, e aquêles escabelos com um S recortado ao centro deixaram de estacionar à porta dos estabelecimentos para os patrões se sentarem de chapéu de côco ou de boné na cabeça a conversarem com o visinho da porta mais abaixo.

Também hoje o nosso comerciante deixou de ficar sistematicamente em casa, para só sair em dia de procição ou no dia de Natal para ir ao teatro, de sobrecasaca e de frango assado na algarbeira...

Antigamente, se iam até ao grémio, era para jogar uma partida de damas, de dominó ou de bilhar. Agora vão para o grémio mas é para tratar dos interesses da classe e do consumidor, e quanto a damas, temos conversado. O que não deixam nunca é de fazer dominó. Aqui em Matozinhos, por exemplo, raro é o comerciante que não pratique o desporto da bigamia, e não julguem que vou fazer delações... Primeiro, consorciaram-se com a legítima esposa; depois tiveram de contrair novo «Consórcio...» uns com os outros. E a harmonia no lar continúa na mesma, porque o marido, se não vem do grémio, vem, pelo menos, da reunião do «Consórcio». E se não pega uma ou outra verdade para sossegar a esposa — notem bem que não digo desculpa, — vem a girândola final: sabes de onde eu venho? E' da «revista». E a mulher, que ao ouvir falar de revista, julgou tratar-se de pernas ao léu, ditos com cinco sentidos e perfumes caros, logo mudou, ao saber que o seu metade veio da redacção da «revista» da sua especialidade, porque é esta também uma das mais flagrantes demonstrações da sua predilecção pela literatura.

Rara é a classe que não possue hoje, que não mantem, quasi sempre com sacrificio, uma revista ou um jornal defensor dos seus interesses e propagador dos seus tributos e produtos.

Como vêm, mudaram os tempos, os costumes e as predisposições. Só não mudou esta minha cisma de brincar com tudo. E não julguem, por Deus, que não concordo com a actual orientação do comércio. Lembrem-se, por favor, que todos os «quidams» apontados onde possa transparecer uma pontinha de ridículo, ou ironia vivem em mim mais do que em todos V. Ex.^{as} que ao commercio se dedicam. E deixem-me que passe à terceira parte do meu arazoado, aquela parte, afinal, que mais condiz com a minha personalidade. Quando me lembrei do título desta palestra, nunca julguei que lhe daria o rumo que acabo de lhes descrever. Julguei, sim, que numa «Questão de letras» me valeria apenas das picarêscas conclusões que a troca de letras ocasiona na escrita ou no falar de todos os dias. Há palavras, então, que são predestinadas para o efeito. Dou como exemplo a palavra «peludo»: se lhe mudarem a vogal central ficará «pelado», o que é exactamente o contrário. E já de uma vez um chefe que eu tive queria à viva fôrça que eu escrevesse «outorgado» em vez de «outorgado». Isto foi verdadeiro, mas não admira, porque o mesmo cavalheiro quando autorizava qualquer operação mandava dizer ao cliente que estava disposto a fazer-lhe a «concepção» em vez de «concessão»...

Isto porém são coisas que a nossa lingua-mãe comporta sem grandes danos para ninguem, e estão quasi a dentro dos nossos hábitos de hoje. Neste século de

velocidades, "records", exhibicionismos, tenta encurtar-se tudo. As nossas mulheres primeiro encurtaram as saias, depois os cabelos, mais tarde os vestidos nas costas, e as meias, que já eram só meias, passaram a soquetes; e algumas até nos encurtam a vida. Só o que não encurtam nunca, são as despesas. Os homens também, pelo seu lado, vão encurtando o que podem. Encurtam as distâncias, encurtam as ondas, que de longas passaram a curtas e extra-curtas, e como comodidade vão encurtando as palavras. Ele agora é o "cine", é a "moto", é o "auto"; ao rapaz diz-se agora "ó pá", e este jeito às vezes arranja coisas engraçadas. Outro dia, num restaurante ouvi eu dizer a um criado: um litro «de pedras» para o Sr. F... Como se as pedras agora se vendessem ao litro. Queria o homem dizer um litro de águas das Pedras Salgadas, mas como no comércio o tempo é dinheiro, o homem comeu as águas salgadas e só saltaram as pedras. Não me admira, porque hoje a um bife também se chama «prégo», o que deve ter a sua razão dada a costumada maciçza de estes atributos cuseiros. Neste particular, poderia estender-me indefinidamente, porque a nossa lingua tem para dar e vender.

E já agora, sempre gostaria de lhes perguntar porque bulas se dirá a lingua-mãe e não a lingua-pai, que mais lógico seria, em virtude da proverbial superioridade do sexo. Cá por mim, quere-me parecer que a prerrogativa deste feminino é devida ao uso mais constante que as mulheres dela fazem. Não será assim?

E... reparem V. Ex.^{as} que estou a falar-lhes há mais de meia hora e ainda não tive de recorrer à guerra italo-estope, nem às questões da Mandchuria, nem a qualquer decreto-lei. Sabem bem que os jornais nada mais trazem hoje em dia, salvo um ou outro crime de arripiar os cabelos. E neste particular alguma coisa poderia dizer-lhes a dentro do meu assunto. Por exemplo: nas guerras da China... Não é verdade que este país, com as letras iniciais substituídas por um M, se tornaria numa verdadeira «mina» para o Japão? E este último, o Japão, sem o J, não está aparecendo à velha Europa um formidável «papão»? E a Alemanha, só com a mudança de uma letra não nos daria «Ha lá manha», o que é uma verdade incontestável, e todo o seu sonho seria acrescentar um P à Rússia... E todo esse xadrez internacional mudaria, como numa mágica, só por uma questão de letras, ou talvez por menos, por acentos. O Laval, o célebre Laval, não está mesmo a dizer que «lá vale», mas que fóra de lá nem sempre vale». E o rás Desta, que à viva força tenta passar «Desta para melhor», matando os inimigos... E o Eden? Eden!... Querem V. Ex.^{as} pior inferno para o país sancionado? Não! Aquilo não é Eden, nem paraíso, é um inferno ardendo em labaredas de petróleo. E o célebre Hoare? Ai sim, ai teve razão o povo que assevéra há muito que «quem vai ao ar perdeu o lugar». E mais e muitos por aí fóra, meus senhores, que eu encontraria se quizesse saltar de ramo em ramo essa complicada árvore internacional que um vento de extermínio vai desguarnecendo dia a dia! Como seria fácil encontrar assunto para palestras insossas como esta, até chegarmos ao único ponto da Terra onde não se muda nunca e não se muda nada. Nem uma letra... Génèbra. Quando muito poderá trocar-se-lhe o acento, e com o que nos fica, Génèbra... ir esquecendo os males dos nossos dias na doce embriaguez do: «pode ser que não haja nada».

Só lamento não ter aqui à mão remédio igual ou parecido para do mesmo modo conseguir que V. Ex.^{as} se não sintam enredados pelo turbilhão confuso do que lhes acabo de dizer, e não voltem para casa a dizerem o que decerto dirão:

Final, este diabo, não sei para que foi a bruxa!...

Mas sei eu... foi para os maçar e também para lhes pedir que me desculpem.

AFURADA

Alguns elementos estatísticos da sua ignorada importância.—Números eloquentes

Afurada — local situado na confluência do rio Douro com o Atlântico — é o porto pescador de Vila Nova de Gaia. Possui um crescente número de marinheiros e dispõe de uma frota de 25 traineiras dedicadas à pesca da sardinha.

A importância da sua lota — que muita gente por certo ignora — pode apreciar-se pelas cifras do seguinte quadro:

SARDINHA VENDIDA NA AFURADA

Ano	Recolimento (liscal)	Número de cabeças aproximadamente	Valor da sardinha
1928	500.036\$31	116.000	4.295.844\$00
1929	369.083\$80	102.000	3.170.823\$00
1930	594.167\$00	155.000	5.104.527\$00
1931	343.879\$20	177.000	2.954.288\$00
1932	408.148\$20	300.000	3.506.427\$00
1933	404.138\$40	269.000	3.471.973\$00
1934	323.135\$10	158.000	2.776.074\$00

Apesar destes eloquentes números, a vida intensa de trabalho marítimo da Afurada é pouco conhecida por estar situada do lado de lá do rio.

Conservas dedicar-lhe-à no próximo número uma referência mais desenvolvida.

O valor nutritivo das sardinhas

O conteúdo de uma lata de Sardinhas é de um valor alimentício superior ao de um bife de igual peso; o seu poder calorífico é dez vezes e meia maior; a sua quantidade em gorduras é quasi quadrupla, a sua proporção de compostos minerais é seis vezes maior, e é também superior a sua riqueza em albuminoides.

A conserva de Sardinhas, tal como se executa hoje, além de constituir o valor nutritivo referido, tem a vantagem de conservar intacta a sua considerável propriedade de vitaminas e a elevada proporção de iodo e fósforo que possuem.

Damos a seguir o resultado de uma análise rigorosamente efectuada no Instituto Nacional de Higiene de Madrid, que estabelece a comparação entre o valor de um bife e o conteúdo de uma lata de Sardinhas:

	Bife de Vaca (sem ósso)	Conteúdo de uma lata de Sardinhas
Calorias	298,25	711,10
Água	112,72 gramas	61,07 gramas
Gorduras	17,89 "	61,44 "
Albuminoides	27,03 "	29,22 "
Compostos mine- rais	1,35 "	7,25 "
Peso total em gra.	158,99	158,98

Setúbal

Segundo reza a lenda, a origem de Setúbal remonta a tempos pre-históricos, imemoriais. Anda um tudo-nada visinha das brumas do dilúvio universal, a aceitarmos a intervenção accidental de um neto do patriarca Noé, de nome Tubal, a quem se atribue a fundação da esbelta *rainha do Sado*.

Pelos modos, êste venerando ancião, que partira dos pátrios lares em busca de mais prometedoras terras, enamorou-se de tal sorte das graças panorâmicas da formosíssima baía do Sado, que aqui se deixou ficar a erguer uma povoação que, pelo dobar dos tempos, havia de transformar-se numa das mais lindas cidades portuguesas.

Não nos diz a lenda se o parente de Noé trouxe consigo os preciosos bacêlos que haviam de produzir mais tarde o delicioso moscatel de Setúbal, mas não nos repugna acreditar que fôsse êle o insigne vinicultor, conhecendo-se, pela tradição, o fervoroso culto que a família de Tubal tributava à divina Vide e seus derivados. E pode ser que a êle se deva também a incomparável excelência das laranjas setubalenses. Se assim fôsse, desmarcada ingratidão se nos afiguraria o não terem canonizado S. Tubal como generoso orago de terra tão pródiga.

O certo é que Setúbal é hoje o maior centro produtor de Conservas do país, e como tal vem hoje **Conservas** apresentar-lhe as suas homenagens. Nem só a terra lhe prodigalisa ubérrimos e deliciosos frutos; também o mar a regala de peixe abundante e de qualidade tão excelente que contribuiu para dilatar a fama que Setúbal já gosava de terra privilegiada no primôr dos seus produtos.

Em tudo lhe foi pródiga a Natureza.





DA ILUSÃO

À REALIDADE

«¿Essas conservas, como vão? Com um Consórcio, propaganda, preços mínimos, direitos de exportação abolidos, os industriais estão como querem, vendendo e ganhando o que querem... E, então, depois que a Itália se lembrou de investir com os abexins, não devem ter mãos a medir...»

E', mais palavra, menos palavra, o discurso que à queima-roupa nos dispára qualquer amigo que encontramos ao dobrar uma esquina.

Se, refeitos do primeiro momento de surpresa, lhe objectamos que a Itália necessitando-embora de conservas, as não compra, por as não poder (ou não querer) pagar antecipadamente, olha-nos de soslaio.

Se, continuando, esclarecemos que a abolição dos direitos de exportação sôbre as conservas, constituiu uma compensação dada à indústria, por motivo da supressão do «drawback» sôbre os azeites e óleos, e que os preços mínimos só em casos pouco fre-

qüentes, contúdo, de grande abundância de pesca, com sardinha muito barata, deixam algum benefício, porque, fóra disso, dão prejuízo — ri-se, incrédulo. Se, insistindo, aluzimos, finalmente, que as vendas são cada vez mais difíceis em razão das restrições de tóda a ordem adoptadas pelos diversos países (primeiro a França, estabelecendo o regime dos contingentes; depois a América, inventando um qualquer quebra-cabeças para que não foi ainda encontrada solução satisfatória, e, por último, a Alemanha, descobrindo o processo curioso de fazer ministrar as conservas, à laia de remédio, por meio de conta-gôtas...); que o encargo de \$25 por quilo cobrado para o Consórcio veio romper o equilíbrio que houve o cuidado de procurar e alcançar, por ocasião da supressão do «drawback», dificultan-lo ainda mais a já difícil vida da indústria, e que a propaganda, tendo sido limitada, até agora, ao País, nenhuns efeitos ainda produziu (nem polia produzir) no estrangeiro, volta-nos as costas e afasta-se. Não nos acrealita!

E, todavia, apesar de tudo quanto, em contrário, se possa julgar, a indústria das conservas, açoitada pela rija ventania que inclementemente sopra, atravessa o momento mais grave da sua existência!

Sôbre o aspecto psicológico da organização conserveira

O CATIVANTE convite que me foi dirigido para colaborar nesta Revista impõe-me o dever de atender tão amável solicitação, tanto mais que, não alimentando ilusões acerca da competência invocada em tal convite, só posso atribuí-lo à benevolência de amigos que quanto mais penhoram maiores obrigações impõem.

Decerto me não é indiferente cooperar numa realização que considero da mais alta importância para a vida conserveira portuguesa. Às questões da pesca e das conservas em Portugal tenho dedicado muito do meu esforço, desvalioso é certo, e não menos da minha simpatia e entusiasmo. Valor algum pôde ser atribuído a quanto a propósito tenho dito e escrito, além daquêlles que, à falta de outros atributos, ousou reivindicar para um trabalho de vulgarização, desinteressado na melhor aceção do termo. É de resto fácil de explicar quem vive aqui, quasi à beira do Atlântico, em permanente encantamento da beleza que o Mar empresta á vida e em contracto estreito com a labuta que diáriamente lhe arranca uma fortuna e a trabalha e a valoriza e com ela diáriamente cresce a riqueza de Portugal, não possa alhear-se de problema tão complexo e ao mesmo tempo tão interessante.

Esta deve ser fundamentalmente a razão por que fui convidado a entrar nesta casa, onde vai trabalhar-se também pela indústria de conservas.

A revista CONSERVAS destina-se a tratar todos os assuntos relacionados com a indústria conserveira do país, e vai portanto abordar o magno problema desta indústria, sob os seus múltiplos aspectos, técnico e científico, industrial e comercial. O problema é vasto e requiere, assim, a colaboração de quantos por êle se interessam. Nêstes termos até os mais modestos obreiros e as mais insignificantes opiniões terão o seu lugar e poderão ter a sua utilidade; tanto me basta para que não receie ser considerado um intruso, ainda que amavelmente convidado.

Que esta nova publicação tenha uma longa existência, para auxílio, estímulo e proveito da indústria e dos industriais, é o que mais sinceramente posso desejar.

* * *

O têmea posto a um colaborador, num primeiro número, essencialmente de apresentação,

que se destina a dar índice e programa da acção a desenvolver, é, naturalmente, um tanto vago e indefinido: — qualquer problema que se lhe antolhe como mais oportuno ou interessante para os leitores da revista.

Ora o problema que se me apresenta como o mais importante neste momento, é o da relativa falta de identificação da indústria com a organização que lhe foi outorgada e em que deve viver.

E' impossivel contestar, com fundamento, que a indústria conserveira portuguesa deu, por intermédio dessa organização, um passo largo e firme no caminho do seu progresso e da sua independência.

Está evidentemente assegurado, pela fiscalização dos seus produtos, o bom nome da conserveira portugêsa, e atingido êste objectivo, mais fácil se torna, se não conquistar uma maior expansão que o mundo enfraquecido e convulso não permite por agora, pelo menos assegurar posições comerciais conquistadas com porfiado trabalho e que uma lamentável desorientação ameaçava perder. Está organizado o crédito. Vai-se regulamentando o trabalho industrial. Começou-se a conquistar para as nossas conservas o mercado nacional, e anuncia-se uma publicidade metódica nos mercados externos. E, finalmente, para não citar senão os pontos principais da organização em marcha, procura-se evitar que as consequências da disciplina imposta à indústria vão reflectir-se como prejuizo nas classes laboriosas que a servem, e diligencia-se melhorar-lhes a vida, dando-lhes regalias que lógica e humanamente não podem deixar de ser reconhecidas a quantos trabalham.

Mas é inegavel, também, que, de uma maneira geral, a indústria de conservas, que tanto tempo ambicionou possuir uma organização que lhe permitisse viver em condições normais e de maior desafôgo, não está, moralmente falando, tão inteiramente quanto deveria e conviria que estivesse, integrada na organização em que passou a viver.

Por insufficientemente identificada com o espirito corporativo que informa a organização conserveira? Talvez, até certo ponto. Nos seus variados sectores a Nação só vagarosamente se tem adaptado à nova corrente e a doutrinação que, devemos reconhecê-lo, os mais belos resultados práticos não dispensam e não tornam supérflua, não se tem realizado com a persistência que a profunda transformação por que estamos passando aconselhava.

Mas muito especialmente a insuficiente identificação da indústria com a sua própria organização é, quanto a nós, um caso psicológico que requiere ser ponderado.

A lei que instituiu a organização conserveira foi recebida com tanta maior satisfação quanto era grande o empenho com que ela vinha sendo solicitada.

Mas na sua execução, que apenas lhe tem sido imposta, a opinião geral da indústria, aquilo que poderemos chamar a sua alma colectiva, não tem sido trabalhada na sua natural plasticidade, não se tem tomado contacto directo com ela, quer colectivamente quer sôbre os indivíduos isolados, para atingir essa alma colectiva, de forma a impôr-se-lhe uma unidade mental indispensável ao progresso que se pretende atingir.

Por outras palavras: na organização da indústria de conservas tem-se dispensado particular atenção à rigidez das fórmulas, que no dizer de Georges Cazin conduz ao automatismo; ao egocentrismo pelo qual certos homens procuram tornar-se indispensáveis; ao minetismo que é destruidor infalível das personalidades e das suas faculdades criadoras. Por isso os industriais, tendo por função obedecer, conhecem a lei que lhes outorgou a organização, mas desconhecem o pensamento orientador de quem comanda essa mesma organização.

Nem a organização da indústria deixou de corresponder, nas suas linhas gerais e excluídos certos aspectos de pormenor que não interessam ao sentido d'este artigo, à aspiração tão insistentemente formulada pela indústria conserveira; nem os industriais de conservas, do primeiro ao último quasi poderíamos afirmar, deixam de reconhecer a sua utilidade ou lhe negam a solidariedade que não apenas por obrigação mas também por conveniência lhe devem. As pessoas investidas na função de comando da nova organização, tenham ou não vindo da indústria, não têm evidentemente outro desejo que não seja prestar à mesma indústria serviços positivos, ou porque é essa a sua própria conveniência como componentes da grande família conserveira, ou porque assim honram a confiança que a sua escolha significou.

Disso todos devem estar seguros. Mas é absolutamente compreensível que a um pensamento que se não conhece em tôda a sua plenitude não se possa dar, com a espontaneidade que seria de desejar no caso presente, uma colaboração cega e confiada que facilite a consecução dos objectivos a alcançar.

Opiniões autorizadas entendem que o objectivo principal a atingir pela organização consiste em criar uma espécie de rede de laços espirituais, permitindo orientar e conduzir os objectos materiais que constituem a finalidade da empresa. E o professor Francisco António Correia, numa das suas recentes lições sôbre a psicologia dos negócios, afirmava que a aplicação destes princípios aos dirigentes, não pôde deixar de ter notável influência sôbre os subordinados porque, para estes, a empresa constitui uma escola de educação profissional, sem ser preciso afastar-se do fim a que mais especialmente se destina.

Na opinião d'este nosso ilustre economista, dêsde o mais categorizado colaborador ao mais humilde operário, necessitam todos que lhes seja dada a impressão de que, na empresa, representam uma força indispensável ao seu progresso.

«Não devemos iludir-nos — diz — sôbre a natureza desta força, que é sem dúvida de ordem económica, porque actua na produção, não deixando de ter simultaneamente um carácter moral, porque suscita o espírito do dever».

A mentalidade que se atribui ao meio industrial conserveiro não justifica que, na prática, se não dê à rigidez da lei uma elasticidade que, arredando da organização os processos de exclusivo automatismo, permita interessar na obra comum, moralmente também, quantos são seus naturais colaboradores.

Diz-nos a observação e o conhecimento que possuímos do meio industrial conserveiro num dos seus mais importantes centros de actividade, que no dia em que a organização da indústria de conservas se dispuzer a integrar no seu próprio pensamento quantos dela fazem parte, essa organização terá triunfado, no mundo dos negócios — e nos espíritos.

Setúbal, 1-936.

Guilherme Faria

Alves da Silva, Irmão, L.^{da}

Negociantes de sal graúdo e miúdo das melhores regiões

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Representantes de acreditadas marcas de azeites e óleos estrangeiros para a industria de conservas de peixe

332, Avenida Serpa Pinto, 338 — MATOZINHOS

Telefone, 89-M

ALVES & RIBEIRO

Esmoriz - Portugal

Serração a vapor de madeiras e caixotaria
Especialidade em embalagens para a Industria de Conservas

Tele { fone, 201 - Espinho
gramas: ALBEIRO - Esmoriz

Entre as melhores conservas
são as da



—
R. Souza Aroso
R. Guerra Junqueiro



TELEFONE, 357-M



TELEGRAMAS
CONSERVEIRA
MATOZINHOS



Marques, Gomes & C.^a, L.^{da}

Fábrica de Conservas

562, Avenida Menéres, 588

MATOZINHOS

Marcas de sardinhas:

MARQUES GOMES

IMPERIO

SAUDADE



TELEFONES:

Fábrica: 207-M

Escritório: 57-M



OLHÃO

Olhão — uma das mais preciosas joias do rosário algarvio — gosa de uma privilegiada situação natural. Na sua frente estende-se o mar infindo, chão e bonançoso umas vezes, esquivo e iracundo outras, mas sempre dadivoso, pródigo, prolífero. Do outro lado, uma grande extensão de terra fertilíssima, toucada no estio de luxuriante vegetação, por entre a qual sobressaem odoríferas alforrôbeiras a cuja cariciosa e perfumada sombra os forasteiros repousam deliciados.

Porque **Olhão** não é só um admirável porto de pesca e prodigioso manancial de magnífico peixe, é ainda uma ridentíssima praia freqüentada por grande número de pessoas enamoradas das suas belezas naturais.

Como centro piscatório, **Olhão** é hoje um dos mais importantes do país, com uma florescentíssima indústria de conservas cujo renome há muito



OLHÃO — Cidade Cubista-Açotelas



OLHÃO — Vista parcial, destacando-se o depósito da água

já transpôs as fronteiras de Portugal. O seu progresso não é de recente data. Já por 1780 a sua indústria assinalava certa prosperidade, quando os pescadores de Olhão se aventuraram a negociar com os exércitos empenhados no ataque e na defesa de Gibraltar. Os naturais desta formosa Vila possuem gloriosas tradições de valentia e denodo, e recordam com orgulho que foi ali que soou o primeiro grito de independência contra o domínio de Junot. Por isso o rei D. João Ihe outorgou o honroso título de «*Olhão da Restauração*».

A revista *Conservas* saúda efusivamente a laboriosa população olhanense.

Palavras Optimistas

Neste primeiro número da nossa revista CONSERVAS não ficaria bem uma manifestação de pessimismo. Ao contrário, cumpre-nos fazer com que dêle ressaltasse nitidamente uma impressão de franco optimismo, de confiança no futuro da nossa indústria, muito principalmente de confiança em nós próprios.

E' certo que não nos podemos afirmar isentos, no momento actual, das preocupações que nos acarreta o reflexo do desequilíbrio geral que caracteriza a época presente. Há, além disso, um pequeno "drama íntimo", filho, talvez, de incompreensões e mal entendidos que urge esclarecer quanto antes.

Reacção equilibrada, a que presida a sã confiança em nós mesmos (que trará com ela a confiança esclarecida e não cega nos outros, a mais digna e frutuosa para ambas as partes), reacção, mixto de resignação perante os factos reconhecidos como inelutáveis e de desígnio forte de luta e de vitória contra aquêles outros que a nossa vontade e a nossa inteligência possam domar — eis o caminho aberto para aquêles que, de alma e coração, desejem o triunfo colectivo e para os quais o comodismo valha menos do que a satisfação do dever cumprido.

Nesta tribuna, agora patenteada a todos os industriais de conservas de boa vontade, devemos esforçar-nos por desfazer mal entendidos, exhibir vontades, colaborar, enfim, leal, disciplinada e conscientemente numa obra que tem de ser de todos e para todos, e que só assim logrará êxito!

Os industriais conserveiros são homens de trabalho, estuantes de força e energias, a quem agrada a luta e a acção, difficilmente se podendo resignar ao papel de meros espectadores duma obra orientadora e reguladora do ramo de actividade nacional a que se encontram ligados pelos seus interesses morais e materiais. E, homens do seu tempo — a infalibilidade humana é dogma que para êles não existe — não compreendem decisões de ciência certa e poder absoluto.

Perguntamos, com tôda a franqueza: será lógico que se desprezem boas vontades, se deixem perder energias, se não ouçam os conselhos dos interessados?

Canalizar essas boas vontades, ordenar essas energias, reunir êsses conselhos, não será uma tarefa própria de homens justos e sinceros, que com ela se engrandecerão?

Um bom general confia, natural e logicamente, no seu talento, na sua valentia, na sua boa estrela, até. Mas, confia tambem na valentia, na dedicação, no valor (qualidades que a êle cabe gra-

duar e aproveitar convenientemente) dos seus homens.

Um dia houve (já lá vão 4 anos) que um grande estadista, grande pela modestia, pelo talento e pela sinceridade, fez vêr aos industriais de conservas as vantagens que lhes adviriam duma acção comum, superiormente ordenada. Aceitaram a sugestão e trabalharam para ela. Isso não queria dizer que, com essa attitude, se confessassem criminosos a caminho da regeneração ou doidos delirantes em via de reeducação.

Tais classificações não se coadunariam com os serviços de valia para a economia nacional que muitos dêles contam brilhantemente no seu activo, embora lhes baste a nobre satisfação do dever cumprido e desprezem honrarias.

A' actual direcção do C. P. C. P. coube uma tarefa nada invejável. A sua obra e a sua acção, porque são humanas, não estão isentas de erros, bem ao contrário. Manifestam, contudo, em muitos pontos vontade de acertar e sinceridade de intenções.

O decreto n.º 24.947, remodelando a orgânica do C. P. C. P., prestou-lhe um péssimo serviço que ela é certamente a primeira a deplorar. Essa nova orgânica, incompatível com a dignidade e o amor próprio dos industriais conserveiros, implicou necessariamente a alienação teórica da simpatia dos mesmos por aquêles que, forçadamente, assumiam um papel de seus tutores absolutos. Daí, uma situação de desconfiança mútua que se foi agravando desgraçadamente pela falta de ligação entre a Direcção do C. P. C. P. e os industriais, ligação que essa mesma defeituosa organização ainda previa mas que, neste primeiro período, não atingiu sequer a insufficiente eficiência que poderia ter.

Contribuir para que essa desconfiança mútua se dissipe, eis um grande serviço que a nossa revista deve tentar. Tenhamos confiança em que o fará! Essa nossa confiança pôde e deve basear-se no convencimento da nossa sinceridade e, ainda, no da sinceridade dos homens a quem cabe, no momento presente, a honrosa missão de orientar os destinos da nossa Indústria. Assim como devemos confiar em nós próprios, devemos confiar no espírito equilibrado dos outros.

Não estão em jôgo vaidades estultas: tão pouco appetites inconfessáveis.

Vontade de colaboração, deve haver duma parte e doutra.

Façamos votos para que o nosso desejo de colaboração leal e desinteressada se evidencie, no decorrer dêste ano, de forma tal que não sejam

EAT SARDINES!

THE FEEDING-POWER OF A TIN OF SARDINES

The contents of a tin of sardines is greater in food value than a fillet of beef of the same weight, its heat-giving power being two and half times greater; the quantity of fat is almost four times greater, its mineral components six times greater, and it is also richer in albuminoids. The preserving of sardines in tins has the advantage of not only keeping the aforesaid nourishing qualities with greater facility of digestion than meat, but it also maintains intact the enormous quantity of vitamins and the high proportion of iodine and phosphates.

Notice the results of an analysis effected at the National Institute of Hygiene in Madrid, which at the same time establishes a comparison between a fillet of beef and the contents of a tin of sardines:

	Fillet of beef	Contents of a tin of Sardines
Calories	298,25	711,10
Water	112,72 grams.	61,07 grams.
Fats	17,89 "	61,44 "
Albuminoids	27,03 "	29,22 "
Minerals	1,35 "	7,25 "
Total weight in grams	158,99	158,98

Buy Portuguese Sardines!
They are the best in the world!!
It is the best food!!!

Arnaldo Rodrigues Pereira

Já se encontra em franca convalescência este nosso presado amigo e colega, sócio da importante Fábrica de Conservas «Leixões» que foi também um dos feridos no desastre que vitimou o Dr. Leonardo Coimbra.

Folgamos sinceramente com as melhoras do querido amigo, e exprimimos os nossos melhores votos de o ver retomar rapidamente a sua actividade entre nós.

possiveis mais desconfianças. Que se não julgue que pretendemos barrar o caminho dos que pretendem trabalhar, com intempestivas intromissões, com obstrucionismos lamentáveis.

Que todos reconheçam, pelo contrário, o nosso desejo de tornar comum uma obra que é necessária e que só assim póde perdurar.

E' difficil conseguir-se tal desideratum?

Responder afirmativamente a esta pergunta seria um equívoco grosseiro em que não queremos e em que podemos cair.

Depende, pois, de nós, exclusivamente de nós, atingi-lo.

E, sejâmos leais e sejâmos sinceros: não teremos nós uma grande parte de culpa nessa incompreensão de que tôdos temos sido vítimas?

Comecemos, pois, por fazer o nosso acto de contrição e estendâmos, leal e cavalheirêscamente, a nossa mão aquêles que podem errar mas que (acreditemo-lo sinceramente) o fazem sempre na melhor das intenções, com a única preocupação de serem úteis á colectividade e ao País!

E, com esta certeza, como é que não poderemos ser optimistas no começo d'este ano?

Ferreira Barbosa

A. J. Gonçalves de Moraes, L.^{da}

TRANSITARIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO

CASA FUNDADA EM 1894

Transportes marítimos e fluviais

Expedições

Comissões-consignações

Despachos, etc.

Telegramas: AMORAS - Pôrto

TELEFONES Estado 9
Expediente 328 e 1605
Filial: Leixões 12 M.

Código RIBEIRO

SEDE:

Rua da Nova Alfândega, 18

PORTO

FILIAL:

Rua Carvalho Araujo, 1

LEIXÕES

Lobo & Freitas, L.^{da}

ESTABELECIDOS EM 1900

Reboques, Barcagens e Fragatagens no Rio Douro e em Leixões

TRANSPORTES INTERNACIONAIS

SERVICOS ALFANDEGÁRIOS

Importações e Exportações

Telefóne: 4 Telegramas: LOBREITAS-PORTO

Rua Infante D. Henrique, 39

PORTO

Engenheiro Sebastião Ramires

De visita à sua fábrica de conservas, esteve neste centro o ilustre colega Snr. Engenheiro Sebastião Ramires, ex-Ministro do Comércio e Indústria.

Ocorre neste momento salientar que foi mercê da sua inteligente e decidida acção que pôde dar-se realidade ao C. P. C. P., organismo instituído quando S. Ex.^a sobraçava aquela pasta.

A indústria de conservas de Portugal deve-lhe, por isso, gratidão pelo relevante contributo por êle prestado.

A revista CONSERVAS apresenta-lhe, pois, os seus sinceros cumprimentos e congratula-se pelo seu regresso à actividade industrial, visto S. Ex.^a representar um valor de primeiro plano.

NOTA

da

Administração

A não devolução deste exemplar implica a inscrição do destinatário como assinante desta REVISTA.

Lêr no próximo número:

SUGESTÕES

por Andorinha

ECONOMIA

Dirigida por J. Ferreira Canelas

I CONCURSO DA REVISTA CONSERVAS

Oliveira Dixo, Irmãos, L.^{da}, Suc.^{res}

Rua de Traz, 62-1.º

Porto

Fornecedor de Folha de Flandres, Chumbo, Estanho, Arame, Azeite e mais artigos próprios para a industria de conservas.

Telefone, 5975

CASOS E COISAS

O autor desta secção, empenhado no propósito da revista CONSERVAS corresponder, por todas as formas, ao fim para que foi criada, vem d'este modo apresentar-lhe também o seu concurso, e promete trazer ao conhecimento dos leitores, mês a mês, alguma "casos e coisas", dignos de registo entre a sociedade conserveira.

Para começar, apraz-me contar o que sucedeu a um conhecido industrial de Matozinhos. Dirigia-se o nosso colega para a sede do Grémio, quando um seu amigo lhe manifestou desejos de o acompanhar para vêr a exposição de mostruários dos produtos dos fabricantes que lhe constava estar ali exibida permanentemente com notável gosto. O nosso colega, surpreendido, por tal pedido, e por saber que a maior parte das vitrinas estava ainda por preparar, ia dizer que não era verdade, mas, para não impressionar desagradavelmente o amigo, preferiu dar outro rumo à conversa e sugerir melhor oportunidade, alegando não ter naquêllec instante tempo disponível para essa visita.

Com efeito, das numerosas vitrinas colocadas na sede do Grémio dos Industriais de Matozinhos só quatro estão preparadas, devendo as restantes sê-lo em breves dias. Os industriais desta laboriosa terra têm sobejamente demonstrado o seu brio e amor-próprio por tudo que lhes confiam, e, por isso, deve êste merecer-lhe, a sua melhor atenção, para não deixarem o colega mal colocado quando êste levar o seu amigo de visita à exposição.

Em certo lugar de cavaco, discutia-se determinada frase atribuída a um elemento preponderante na organização das conservas. O ambiente era dos melhores, e o entusiasmo circunstante que observamos dáva-nos a convicção de que os problemas da crise conserveira principiam a ser encarados a sério.

Em dado momento, pedem café ao criado; êste serve-o deficientemente e, nessa altura, um dos cavaqueadores exclama: *tu és incompetente e precisas de ter mais cuidado, se não, arriscas-te a seres despedido pelo patrão!*

— *Nessa não, cui êle,* responde o criado, *porque se eu me fôsse embora, poderia vir outro ainda pior.*

Uma gargalhada geral coroou o dito do criado, que me limito a registar...

Os nossos serviços no estrangeiro

Esta REVISTA iniciou já as suas diligências para a nomeação de Correspondentes nos principais mercados de Conservas no estrangeiro, e conta podêr brevemente inserir notícias detalhadas das actividades conserveiras naquêllec centros.

ESTA
REVISTA É
COMPOSTA
E
IMPRESSA
NA

TIP. LEIXÕES
FONSECA & C.ª
Rua Brilo Capelo, 335
MATOZINHOS

ESPAÇO RESERVADO PARA A LITOGRAFIA
DE
J. VIEIRA COELHO, SILVA & C.^A, L.^{DA}

Marques Ribeiro

Papelaria-Tipografia

MATOZINHOS

R. Brito Capelo

TELEFONE, 102 - M

Execução perfeita de todos
os trabalhos tipograficos
Encadernações
simples e de luxo

Secções de Electricidade e Radio Telefonia

FILETES DE PEIXE AROMATIZADOS-SARDINHAS EM LIMÃO

SARDINHA DO ALGARVE, L.^{DA}

CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE, TOMATE E SALMOIRA

TELE: SARDINHA

OLHÃO

TELEF. 25

Marca recomendada **Margarete**

SARDINHAS EM AZEITE PURO DE OLIVEIRA

SARDINHAS DE CALDEIRADA

SARDINHAS A PORTUGUESA

POLVO DE CALDEIRADA-LULAS DE CALDEIRADA

ARLINDO DE SOUZA VINAGREIRO

Armazens de Salga e Pescarias

Telefone: 165-M
Ender. telegrafico: LINDO

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59
MATOZINHOS - Portugal

FÁBRICA
DE
CONSERVAS

"A BOA NOVA,"

JOSÉ RODRIGUES SERRANO

237, R. Conselheiro Costa Braga, 299

MATOZINHOS

TELEFONE. 99-M

TELEGRAMAS: "RESSANO,,"

CONSTRUÇÃO MODERNA
INSTALAÇÕES HIGIENICAS E MODELARES

MARCAS:

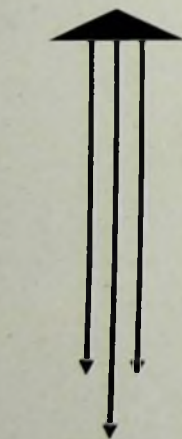
SERRANO

BOA NOVA

ALSTER

IDEAL

ALTA CLASSE



FUNDADA EM 1920

Matérias primas para a indústria de conservas

Entre as funções, de caracter económico, que estão naturalmente indicadas ao Consórcio Português de Conservas de Peixe, representado superiormente pela sua direcção, ocupa um importante lugar a aquisição de matérias primas em condições mais vantajosas do que as do mercado, para serem distribuídas pelas diferentes fábricas de conservas de peixe, mediante sua prévia requisição.

E' claro que no número dessas matérias primas não pode ser compreendida a principal — Sardinha — por estar sujeita a várias contingencias, e cuja compra terá de continuar a ser feita nas condições presentemente estabelecidas, cuidando-se sempre em manter a devida capacidade dos cabazes.

Mas, a fólha de Flandres, o azeite e outros óleos, o combustível, as caixas, o estanho, o chumbo, as chaves para latas, o sal, as juntas plásticas e os lubrificantes, poderiam, a nosso vêr, ser adquiridos pelo C.P.C.P. em boas condições, permitindo-lhe o fornecimento dos diferentes fabricantes, a preços de perfeita concorrência com os habituais fornecedores, com grande vantagem para a indústria de conservas.

Sabendo-se que, sem exagêro, só o centro conserveiro de Matozinhos, consome anualmente desses artigos, uma cifra total não inferior a 20.000 contos, pôde bem concluir-se que êste assunto merece ser devidamente estudado e ponderado, para ser pôsto em prática.

Guilherme J. Felgueiras.

No Bom CAMINHO

Está de parabens a indústria conserveira, com o aparecimento da sua revista **Conservas**. **Conservas** vem ao encontro dos desejos de tantíssimos industriais que, desde há muito, pugnávam pela criação de um órgão onde pudéssem ventilar tôdos os seus problemas nos vários aspectos económicos, financeiros, e técnicos.

Ei-la, aí, pois, bonita e graciosa no seu aspecto, pronta a ser o baluarte que vem, não só defender, mas também apresentar soluções a muitos assúntos que, infelizmente, ainda se encontram por estudar e solucionar.

Que nenhun industrial, como é seu dever, deixe de trazer a **Conservas** o seu indispensável auxilio, a-fim-de que ela possa prosseguir desafogamente e sem inquietações que venham prejudicar a sua útil finalidade.

A aparição da presente revista representa o despertar de um longo sono, dormido á sombra dos louros colhidos com a publicação do decreto N.º 21621, sem se pressentir que algo mais se tornava indispensável conseguir e fazer.

Feitas as apresentações; passados os primeiros momentos da recepção e dos cumprimentos; arrumada a casa, e tudo a postos e nos seus respectivos lugares, vai a nossa revista encetar, imediatamente, a discussão e o estudo dos vários e complexos problemas que lhe estão confiados.

A discussão desses problemas deverá ser serêna e meticulosamente ponderada, a-fim-de que possam resultar proficuas as suas conclusões, evidenciando-se, dessa forma, que **Conservas** saberá conseguir os seus fins com elevação e com firmeza, embora delicadamente e sem tibiezas.

Da boa vontade e lealdade de tôdos os interessados depende o êxito desta revista, á volta da qual tôdos se deverão unir, tornando-a forte com o seu amparo, respeitada e grande como grandes são os interêsses que ela visa estudar e defender.

Para terminar, pois que—como dizem nas terras de John Bull,—**tempo é dinheiro**, resta-me apresentar os meus respeitosos cumprimentos ao ilustre director e redactores desta revista, os quais são extensivos, também, aos industriais de Matozinhos, de quem partiu tão feliz iniciativa, desejando-lhes, a tôdos, as maiores felicidades no desempenho da sua árdua missão, a qual — como quási tôdas as causas nobres — não deixará, por certo, de ser bastante espinhosa.

Mas resta-lhes, ao menos, a consolação do dever cumprido e de que estão no bom caminho.

Sardineiro.

BOTELHOS & OJEDA

Rua Ivens, 88 — MATOZINHOS

TELEFONE, 256
TELEGRAMAS: BOTELOJEDA

SARDINHAS EM SALMOURA E PRENSADAS — ANCHOVAS EM SALMOURA E FILETES DE ANCHOVAS

Salazones

Uma situação
de
flagrante injustiça

Obrigações sem equitativos direitos

Em Janeiro de 1935 foi esta importantíssima indústria legalmente incorporada no C. P. C. P., e já desde um ano atrás vinha contribuindo para o fundo de previsão do citado organismo. A muitos Salazoneiros temos nós ouvido queixas amargas que nos permitimos anotar para conhecimento das estâncias competentes.

I) A regulamentação prevista no decreto continua a dormir o sono dos justos;

II) Aproximando-se a época do defêso, nada sabem ainda os industriais de Salazones da sorte que correrá o seu pessoal no que se refere à assistência;

III) Estando pendentes de resolução problemas de tão extrema gravidade que podem significar a ruína de muitos industriais, não têm sido ouvidas as suas justas lamentações pelo organismo director;

IV) Que não é justo—dizem-nos—serem exclusivamente contribuintes para os fundos comuns do C. P. C. P., o que constitue a sua obrigação, e não saberem quais são os seus direitos, até agora nulos em absoluto.

Nós, que sabemos quanto se preocupa a gerência do C. P. C. P. com todos os problemas que dizem respeito aos seus filiados, chamamos a sua atenção para êste assunto, que reputamos de inadmiável oportunismo, pedindo que se procure dar-lhe a satisfação que se nos afigura de todo justa, mormente agora que o bloqueio de fundos na Itália coloca os Salazoneiros em situação difícil.

FABRICAS DE SALMOURA E ANCHOVAS

Juan Pérez Lafuente

CASA CENTRAL:

Vila Nueva de Arosa
Pontevedra — Espanha

SUCURSAL EM

Matozinhos - Portugal
R. Brito e Cunha, 653
Telefone, 205-M

Endereço telegráfico:

JUPERLA } Vila Nueva de Arosa - Espanha
Matozinhos - Portugal

MARCAS:

JULIA — SANCHO

Especialidade em sardinhas prensadas e anchovas em salmoura.

O Brasil

como mercado consumidor
das nossas

Sardinhas Prensadas

e em

Salmoura

O Brasil foi até Setembro de 1934 um dos maiores mercados das nossas Sardinhas Prensadas e em Salmoura. Para os seus estados, especialmente para o de S. Paulo, o centro de Matozinhos mandava anualmente cêrca de 20 mil caixas de Sardinha Prensada com o pêso aproximado de 720 mil quilos, e também uma regular quantidade de barris com Sardinha em Salmoura, cuja exportação era já sobremodo apreciável.

Era êste artigo consumido entre a gente pobre, a maioria da qual formada por colonos. Porém, em Setembro de 1934, o Governo Brasileiro, por decreto, resolveu elevar os direitos de importação para mais de 100%, pelo que, se os negócios já vinham sendo de difícil realização, devido ao aumento da diferença cambial, visto só se poderem efectuar vendas para pagamento ao câmbio livre, êsses negócios tornaram-se, como se compreende, completamente impraticáveis.

Perdido assim o mercado do Brasil, um dos poucos que comprava em firme e onde se colocavam grandes stocks, passou de mal a pior a situação desta humilde indústria, sem que tivessem sido tomadas quaisquer providências em sua defesa. Urge, portanto, que uma intervenção diplomática seja feita junto do Governo Brasileiro no sentido de se conseguir a anulação de tão exagerado aumento de direitos, para que o Brasil volte a ser o grande mercado tão indispensável à manutenção e desenvolvimento da indústria de Sardinha Prensada e em Salmoura.

Seria também oportuno que o C. P. C. P., a quem estão igualmente confiados os destinos desta indústria, tratasse da sua respectiva organização, pois, para êsse efeito, já ela está contribuindo materialmente há mais dum ano, sem que até agora lhe tivesse sido prestado qualquer auxílio.

Domingos Luças.

O MAR tem sido este ano duma generosidade abençoada para os nossos pescadores de Matozinhos.

Nunca de seu ventre fecundissimo se desprende tal abundancia de sardinha e tao bela e desenvolvida como poucas vezes tem aparecido.

— Grandes como cavalas — apregõam as mulheres. E não têm enganado, desta feita.

Os pobres — neste doloroso periodo de dificuldades, — rejubilam, porque a sardinha é a abundancia. Mas nem só os pobres aproveitam. Também os remediados e os ricos — de bom estômago — são beneficiados, se não pela barateza, pelo prazer de saborear o delicioso peixe.

Bordalo Pinheiro, o artista admirável e apaixonado *gourmet*, nas suas visitas ao Pôrto — espaçadas mas sempre celebradas pelos dedicados amigos que aqui contava, recrutados especialmente entre escritores e jornalistas, — não dispensava nunca uma ou mais visitas ao famoso *Tunel Central*, á rua do Bomjardim, onde teve o maior culto a velha cozinha portuguesa, dirigida,

A PRODIGALIDADE DO MAR e a riquêsa piscatória de MATOZINHOS

frase bizarra: — A sardinha é um peixe admirável, mas tem um grande defeito...

— Qual? — interrogaram.

— E' ser escandalosamente barata!...

Vem esta fugitiva divagação a propósito da nota que segue, enviada pelo nosso presado correspondente de Matozinhos.

Durante o mês findo (Novembro) a safra da sardinha foi intensíssima, sendo importante o seu rendimento, como passamos a demonstrar.

* * *

Valor total do pescado 3.553.238\$00.

Imposto para o Estado 307.083\$00.

Imposto para a Câmara 71.065\$00.

Rendeu mais que em igual mês do ano anterior: para o Estado 106.031\$00 e para a Câmara 24.686\$00.

De "O Primeiro de Janeiro"

BANCO ESPIRITO SANTO

Séde

em

LISBOA

Todas as operações Bancárias

Ordens para Bolsas Nacionais e estrangeiras

Compra e venda de papeis de crédito

Compra de Cupões aos melhores preços do mercado

Filial no Pôrto: — Avenida dos Aliados

Joana d'Arc

Conquistou Orleans.
AS CONSERVAS

Joana d'Arc

Conquistam o Mundo!



Fabricação esmerada de **SARDINHAS**
em
AZEITE E TOMATE

MARCAS REGISTRADAS

**CELESTIAL
LUCRÉCIA
AUSPICIOSA**



**LUDOVINA
JOARCO
DOSIL**

**Sociedade de Conservas
JOANA D'ARC
LIMITADA**



**MATOZINHOS—PORTUGAL
AVENIDA MENÉRES**

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:

JOARC



TELEFONE, 83 - M

TRISTESAS

■ ■ ■
À Tragédia do "Orânia"

e o Drama de Leixões

Fez já um ano que o vapor «Orânia» se sepultou na bacia de Leixões. Dêsse tremendo desastre sofreram, sofrem e continuam sofrendo — sabe-se lá por quanto tempo ainda — as populações de Leça e Matozinhos prejuízos incalculáveis.

Os exportadores de Conservas, de Matozinhos, não são os de menor quinhão nessa dolorosa odisseia. Não podendo efectuar os seus carregamentos em Leixões, como antes do naufrágio, são frequentemente obrigados a deslocar as suas mercadorias para embarque no Porto e em Lisboa. Por êste contratempo, tomado ao acaso de entre as inúmeras contrariedades experimentadas pela presença da terrível carcaça na bacia de Leixões, poderá o leitor calcular quantos prejuízos ela causa a Matozinhos e Leça.

Como a imprensa diária tem noticiado, os trabalhos de remoção do monstro, iniciados em Julho do ano passado, fôram suspensos até à próxima primavera. Até então, e sabe-se lá por quanto tempo mais, viverão as populações de Leça e Matozinhos momentos amargos.

A Franco Ramalho, que no «Primeiro de Janeiro» tem sido um incansável paladino na defesa do nosso pôrto, apresenta **Conservas** os seus cumprimentos.

Fábrica de serração, caixotaria, carpintaria
e Serralharia Mecânica

— Fabricação de Latas para todos os produtos —

ALMEIDA & FREITAS, L.^{DA}

VALE DE CAMBRA



PORTUGAL



FORNECEDORES DO
GOVERNO PORTUGUEZ

LITOGRAFIA NACIONAL

♦ IGNACIO A. DE SOUZA E FILHO ♦

TELEFONES 12
E
756

TELEG. LITONAL
PORTO

PORTO

OFICINAS DE FOTOLITOGRAFIA
■ INSTALAÇÃO UNICA NO PAIZ ■
LITOGRAFIA - TIPOGRAFIA - TIMBROGRAVURA
IMPRESSÃO E CONSTRUÇÃO SOBRE
FOLHA DE FLANDRES

5 GRANDES PREMIOS
6 ALTAS RECOMPENSAS
EM VARIAS EXPOSIÇÕES
NACIONAES E ESTRAN-
GEIRAS ■■■■■

DELEGAÇÃO EM LISBOA: R. DOS CORREEIROS, 29-2.º
TELEF. 25624 - TELEG. LITOCIONAL

AGENCIAS EM:
FUNCHAL, COVILHÃ, LOURENÇO MARQUES, LOANDA



DEFEZA COLOSSAL!!!



**ATUM
RAMIREZ**

DEFENDE A VOSSA SAUDE
PELA SUA EXCELENTE
QUALIDADE

POR GROSSO:
RAMIREZ & C. L.
R. AUGUSTA, 27, 2.
LISBOA - TELEF. 2 3626
GASPAR CARMO & IRMAO
R. BONFARDIM, 524, 1.
PORTO - TELEF. 606



CONSERVAS PRADO, L.^{DA}

TELE } fone, 327
gramas: PRADO
Apartado, 27

FABRICAÇÃO DE SARDINHA
EM AZEITE E TOMATE

■
MARCAS REGISTRADAS

RUA GUERRA JUNQUEIRO, 359
MATOZINHOS
(PORTUGAL)

P R A D O

FAINA

BARBOSA

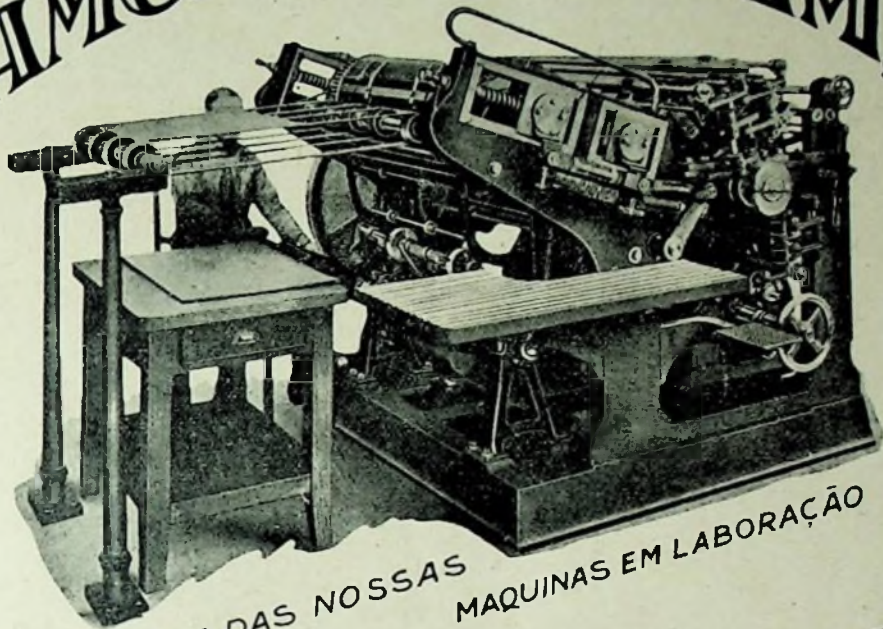


FARNEL

MERENDA

B O X

AMORIM & AMORIM, L^{DA}



UMA DAS NOSSAS
MAQUINAS EM LABORAÇÃO

LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES
RUA ELIAS GARCIA - 125
VILA NOVA DE GAIA
FABRICA DE LATAS
AVENIDA SERPA PINTO 209
MATOZINHOS





Fábrica de Conservas de Parámos, L. da

FABRICANTE DAS MARCAS:

PARÁMOS
BRISTOL
DULCE
ST. GEORGE



Rua Conselheiro Costa Braga
MATOZINHOS (Portugal)

TELE FONE. 222-M
GRAMAS: «PARÁMOS»

Cupertino de Miranda & Companhia Banqueiros

Operações de desconto e cobrança de letras de exportação.
Descontos e cobrança de letras sobre o país e província
Cobrança de letras do estrangeiro sobre Portugal.
Contas correntes em moeda nacional e estrangeira.
Seguros em todos os ramos a taxas muito vantajosas.

Séde:
Rua Sá da Bandeira, 56
Telefone, 482 (P. B. X. 3 linhas)
P O R T O

A. SPRATLEY DA SILVA & F.^o

EST. 1905

AGENTES DE FABRICANTES
ESTRANGEIROS
DE

F O L H A
DE
FLANDRES

Estanho e outros artigos para a
INDUSTRIA DE CONSERVAS

PORTO

TELEPHONE. 2309 — TELEGRAMAS, RELLOM

de
esmerado
fabrico
prensadas
e em
salmoura



Joaquim Ferreira Pedro Luças
& Filhos Exportações

Avenida Serpa Pinto, 253

■ MATOZINHOS - PORTUGAL ■

Códigos ABC 6.^a Edição — RIBEIRO e PARTICULARES
APARTADO N.^o 8

Telegramas: LUÇAS—Telefóne 118-M

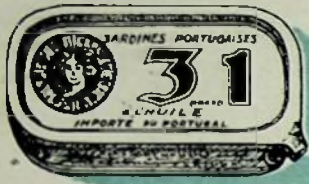
PYROSTAMPA



**Novo sistema de
Marcação de embalagens a cores**

Reproduz as marcas preferidas com todo o seu colorido e detalhe de desenho em madeira ou em pano, indelevelmente e de uma só operação. Transforma as embalagens em vistosa publicidade, pelas ruas, nos cais, nas estações, nos armazens, em toda a parte.

A Pyrostamp, L.^{da}
Rua Guedes Azevedo, 75,
Telef. 2303 **PORTO**



ENDEREÇO
TELEGRAFICO
ESPECIAL
TELEF. 107
CONSELHEIRO COSTA BRAGA
RUAS: D. AFONSO CORDEIRO
MATOZINHOS PORTUGAL

VIRGILIO LORY

O MAIOR PRODUTOR
DE
ATUM EM PORTUGAL

13, Praça dos Restauradores
LISBOA

MARCAS REGISTRADAS:

CLITA
VESUVIO
CADICE
SELECTA

Fábricas em:

ANGRA DO HEROISMO
PONTA DELGADA

Endereço telegráfico: VYROL - LISBOA



FÁBRICA
DE
CONSERVAS

JOSÉ ANTONIO CABRAL & FILHOS

PREPARAÇÃO CUIDADA DE

Sardinhas de Conserva

Azeitonas

Azeites

MATOZINHOS

FABRICAS DE CONSERVAS "OCEANO"

LOPES DA CRUZ & C.^A, L.^{DA}

FABRICA EM MATOZINHOS
RUA BRITO E CUNHA

TELEFONE, 23-M
ELEGRAMAS: OCEANIDES



FABRICA EM SETUBAL
RUA GUILHERME GOMES FERNANDES

TELEFONE, 449-S
ELEGRAMAS: LOPES DA CRUZ

MATOZINHOS—SETUBAL
(PORTUGAL)

MARCAS REGISTRADAS:



AVANTE
DOURO
DOMINGA
EDITHE
HELIADES
LUAR
L C

MUSICO
MARÃO
NEIVA
OCEANIDES
SIESTA
TOMMY'S
VITAMAR

AGENCIAS E SUB-AGENCIAS EM:

Europa

FRANÇA - Paris, Bordeaux
ALEMANHA - Berlim,
Hamburgo, Bremem,
Colonia

AUSTRIA - Viena
HUNGRIA - Budapeste
ROMENIA - Bucarest
BELGICA - Bruxelas,
Antuerpia

SUIÇA - Gênebra
TCHECO-SLOVAQUIA
Praga, Kerlsbad

INGLATERRA - Londres
Bristol, Hull

DINAMARCA - Copenhague
SUECIA - Estocolmo

Africa orient. América do Norte

MOÇAMBIQUE
Lourenço Marques,
Inhambane, Quelimane
PORT-SAID - Port-Said

New - York, New - Or-
léans, California

América do Sul

BRAZIL - Rio de Janeiro,
São Paulo, Santos,
Pernambuco, Baía

ARGENTINA
Buenos Ayres

VENEZUELA
Caracas

Africa ocid.

ANGOLA - Luanda,
Benguela, Mossamedes
CONGO BELGA
Leopoldville

Ásia
SYRIA - Beyrouth

Marca *NEIVA* - Seu importador exclusivo na Alemanha
HEINRICH JURGENS
Zollenbrucke, 3 — HAMBURGO



**O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...
COMO AS CONSERVAS
LOPES DA CRUZ & C.ª L.
PELA QUALIDADE**



A
MARCA
QUE TODO
O MUNDO
EXIGE

